

DISCOS

Um mergulho nas possibilidades do futuro

O PRIMEIRO lançamento novo de Frank Sinatra nos últimos cinco anos, que a WEA vem de colocar no mercado brasileiro, é, sem dúvida alguma, um dos mais ambiciosos projetos fonográficos já realizados. Trata-se de "Trilogy" (Reprise - 34034/5/6), em álbum de alto luxo composto de três LP, trazendo gravações inéditas do legendário cantor. Produzido por Sonny Burke, "Trilogy" tem por tema o passado, o presente e o futuro de uma das figuras mais conhecidas e influentes da música mundial. O primeiro disco - "Passado" (arranjos de Billy May) - apresenta clássicos dos primeiros anos, do tempo em que Sinatra estava apenas emergindo como grande talento vocal por conta própria; o segundo - "Presente" (arranjos de Don Costa) - segue o rumo da música popular quando Sinatra consagrou-se como "astro" internacional dos anos 50, através do surgimento da geração do rock; e o terceiro disco - "Futuro" (arranjos de Gordon Jenkins) - oferece-nos uma fantasia musical em três tempos.

Com este acontecimento único na História da Fonografia Mundial, Frank Sinatra dá um novo e gigantesco passo dentro de uma carreira que já atingiu proporções que outros cantores de fama sequer sonham em atingir. O produtor Sonny Burke, sabedor de que Sinatra é



um artista por demais exigente na escolha de músicos, arranjadores e regentes para acompanhá-lo nas gravações (ou em seus shows), teve um cuidado extremo na escolha dos homens que com ele trabalharam na produção deste álbum histórico. Assim é que, para o primeiro disco, a escolha de um arranjador tinha que recair em alguém que viesse das grandes bandas (Billy May); para o segundo, cujas canções contêm o estilo e a imagem de Sinatra, o arranjador tinha que ser Don Costa; e, finalmente, para o terceiro disco, o mais ambicioso e trabalhoso, onde se envolveram mais de 500 pessoas, Sonny Burke contratou o famoso compositor-arranjador Gordon Jenkins, a fim de mostrar o que a vida poderá vir a ser na Terra. Grande!

Movimento fonográfico

O comediante Juca Chaves está gravando seu primeiro LP pela K-tel, o qual está banhado de muitas piadas *** Sabiam que Vera de Ogum, afilhada de Dorival Caymmi, é madrinha espiritual de vários artistas?... *** O grupo Exporta Samba estréia na K-tel com o compacto que traz as músicas "Tem que ter amor" e "Reunião de bacana" *** A Cor do Som renovou seu contrato com a WEA por mais quatro anos *** Transferido para 13 de outubro próximo o espetáculo em homenagem a Vinicius de Moraes, que marcará o reinício, no Teatro João Caetano, da série "Seis e Meia" *** O LP "Roberta Flack Featuring Donny Hathaway" excedeu a vendagem de 500 mil exemplares, concedendo o 12º Disco de Ouro a Roberta Flack *** Chris Squire, Steve Howe e Alan White, componentes do grupo Yes, contrataram o versátil tecladista Geoff Downes e o vocalista Trevor Horn, para substituírem Rick Wakeman e Jon Anderson, que, por sua vez, continuarão com projetos de solo *** O filme "Urban Cowboy", da Paramount, deve fazer pela música "country" contemporânea a mesma coisa que "Saturday Night Fever" fez pela música "discotheque"... *** Sem nenhum favor, o LP "Asfalto", de João de Aquino, lançado pela CBS, é um dos melhores discos instrumentais já feitos no Brasil! *** O barítono Paulo Fortes vem aí com mais um LP de serenatas *** A WEA relançou o LP "Killer", de Alice Cooper *** O conhecido modelo fotográfico Neide Franco (na foto) está no firme propósito de ingressar no mundo alucinante dos discos *** The Marshall Tucker Band é outra banda de rock que perde seu líder Tommy Caldwell, vítima de acidente automobilístico em sua cidade natal, Spartansburg, Carolina do Sul *** A extraordinária linguagem musical do inesquecível pianista Thelonious Monk está no álbum duplo "Monk", onde vocês encontrarão o pulsante e indefinível swing deste gênio musical.



Neide Franco: de modelo ao disco faltalhe pouco...

PARA O SEU ÁLBUM

Atendendo a insistentes pedidos, aqui vai a letra de "SHIPS", música de Ian Hunter, extraída da gravação de Barry Manilow, que fez parte da trilha sonora da novela "Água Viva":

We walked to the sea / Just my father and me / And the dogs played around the sand / Winter cold cut the air / Hangin' still everywhere / Dressed in gray, did he say / Hold my hand / I said, love's casier when it's far away / We sat and watched a distant light. / We're two ships that pass in the night / We both smile and we say it's alright / We're still here / It's just that we're out of sight / Like those ships that pass in the night / There's a boat on the line / Where the sea meets the sky / There's another that rides far behind / And it seems you and I are like strangers / A wide ways apart as we drift on through time / He said, it's harder now, we're far away / We only read you when you write.

DANIEL TAYLOR

152

CIDADE DE SANTOS - SP

7 / 9 / 80

Show

Zé Ketti, pelo MCP, no Metalúrgicos

Favela dos Meus Amores é o show que Zé Ketti está mostrando desde ontem (e até amanhã) no auditório do Sindicato dos Metalúrgicos, a mesma montagem que já foi mostrada no Rio e em São Paulo, e onde ele lembra a sua longa carreira, iniciada na década de 40. Hoje, a partir das 2 horas, José Flores de Jesus, o Zé Ketti, vai lembrar o seu encontro, em 55, com Nelson Pereira dos Santos e o convite para ser ator e compositor de Rio 40 Graus, um filme que é marco no chamado cinema novo brasileiro. Vai lembrar também 64, quando Nara Leão Gravou Diz que Fui por Ai, que foi enorme sucesso, e no ano seguinte, quando compôs Opinião, uma música que batizou o teatro carioca e o espetáculo que fez muito sucesso com Nara Leão e depois revelou Maria Bethânia. Ali ele cantava também Malvadeza Duração e Acender as Velas.

Contando com o apoio de trezentos slides projetados sobre o palco, mais os depoimentos gravados de artistas como Cartola e Vinicius de Moraes, Zé Ketti canta quarenta músicas, trinta e seis dele, e tem um monólogo onde, simbolicamente, conversa com Cartola. Nessas conversas, vai lembrar os muitos que o ajudaram, e também aqueles muitos que ajudou, e lembrar os seus sucessos de carnavais, um deles até hoje presente nos salões, Máscara Negra.

O show de Zé Ketti tem promoção do MCP — Movimento de Cultura Popular, cujos associados pagam vinte cruzeiros. Os ingressos para estudantes custam 100 cruzeiros e a inteira, 200 cruzeiros, à venda no próprio Sindicato dos Metalúrgicos, avenida Ana Costa, 55.



Zé Ketti, às 21 horas, pelo MCP

Nota Maior

"CBS"
FAGNER

Um ano depois do lançamento de seu LP, "Orós", que foi apontado pela crítica como um dos melhores discos do ano, Fagner reaparece com novo trabalho pela CBS: o LP "Quem Viver Chorará". Nesse seu novo trabalho (o quinto LP em sua carreira), Fagner consegue evidenciar um aspecto profundamente sólido em sua obra que, como destaque, registra exatamente uma compreensão e assimilação de sua criação por parte do público. "De qualquer forma acho que esse meu novo disco é uma coisa direta, sem rodeios, retrato do momento que vivemos, enfim, minha proposta de trabalho. É claro que a experiência adquirida em minha rápida excursão européia e norte-americana, influiu na minha opção. Isto é, um disco brasileiro, essencialmente acústico e, naturalmente, evidenciando influências e rumos da música nordestina, base de criação". É a definição de Fagner sobre o seu trabalho.

ADONIRAN BARBOSA

Sobre o pseudônimo Adoniran Barbosa:

"Foi assim: o Luis Barbosa, cantor de samba carioca, meu amigo, vinha sempre para São Paulo e a gente passeava aqui. E Adoniran era um rapaz do correio, muito meu amigo também.

Aí juntei os dois e ficou assim: Adoniran Barbosa. Meu nome mesmo é João Rubinato. Uso Adoniran Barbosa desde que comecei cantando. Como ator também. Eu sou mais ator do que compositor. Sou mais rádio-ator. Mas faço samba também.

Hoje sou mais cantor e compositor. Hoje dá mais resultado.



Ator é fogo na butina. Agora, estou aposentado tranquilamente como radialista. Desde 1969. Faz tempo!"

Sobre a música Tiro ao Alvaro: "Alvaro é alvo mesmo, mas eu chamo de Alvaro. Eu falo assim porque eu quero. Flecha, né. Já foi a um parque de diversão? Não tem lá um tiro ao alvo? Eu falo Alvaro. Em vez de falar alvo, que é certo, eu falo Alvaro. Pra fazer graça..."

FRANCIS HIME

Poucas pessoas sabem, mas Francis Hime iniciou sua carreira há 17 anos e só gravou seu primeiro disco 10 anos depois. Seu primeiro parceiro foi Vinicius de Moraes com SEM MAIS ADEUS. Nesses 10 anos que não gravei nada passei o tempo compondo e fazendo arranjos. Além disso participei de alguns shows com Milton Nascimento, Vinicius de Moraes, Dori Caymmi, Marcos Valle, Vanda Sá e Joyce, sempre em temporadas pequenas. Nada disto era calcado em cima do meu trabalho individual. Existia o lance de me sentir dividido entre a música e a engenharia, pois fazia as duas coisas simultaneamente. Nara Leão, Elis Regina, Jair Rodrigues, Roberto Carlos, Zimbo Trio, Elizeth Cardoso, Tamba Trio, foram meus principais intérpretes. Em 1969 Francis optou definitivamente pela música e foi para os Estados Unidos estudar. Passou lá quatro anos e ao voltar resolveu gravar seu primeiro disco FRANCIS HIME.



Guadalupe, o outro lado do Nordeste

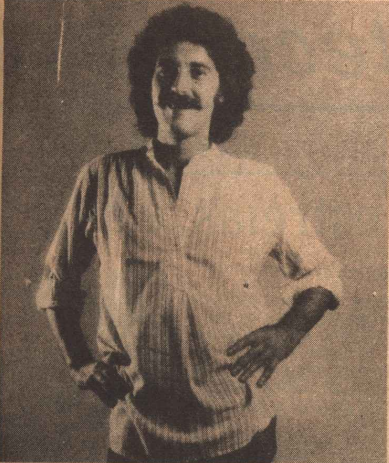
Não é qualquer um que consegue gravar um disco no Brasil. Tem muita gente boa por aí brigando para conseguir nem que seja apenas um contato dentro das gravadoras. Briga dura. Concorrência enorme. Mas, às vezes alguém chega lá. Acontece. Aconteceu para Guadalupe, uma pernambucana bonita que está lançando o seu primeiro L.P. "Princesa do Meu Lugar" (RCA).

Está certo que ela é a mulher de Dominginhos e que bom relacionamento ajuda muito. No seu disco de lançamento, ela apresenta um repertório totalmente inédito de músicas assinadas por Gilberto Gil e Pedrinho Santana ("Mão na Mão"); Belchior (faixa-título); Tom Jobim ("Oficina"); Vinícius de Moraes e Toquinho ("Velha Amiga"); Suely Costa e Abel Silva ("Dentes de Satã"); Gonzaguinha ("Levanta seu Moço"); Ivan Lins e Vitor Martins ("As Moças"); Hermeto Paschoal ("Muriama"); Dominginhos, em parceria com Fausto Nilo ("Em Virtude do Vício) e em parceria com Rita Lee ("Anjo Forasteiro"); Petrúcio Maia ("Toque a Madeira") em parceria com Abel Silva e Cacaso ("Francamente") em parceria com Toquinho.

Um repertório variado e eclético que, como Guadalupe diz, "tem de tudo, de Dominginhos ao Hermeto e que acabou deixando o disco sofisticado". Mas, de qualquer forma, é uma coisa meio rara alguém reunir somente músicas inéditas em um disco de lançamento.

Pernambucana de Timbaúba, Guadalupe cresceu em Fazenda Nova onde começou sua carreira artística. Lá, aos seis anos, ela já representava "Paixão de Cristo" em Nova Jerusalém, a criação de seu avô, Hepaminondas Mendonça. Já morando em Recife, ela participou de festivais e até apresentou um programa na TV Jornal do Comércio. Em São Paulo foi modelo fotográfico e no Rio cantou em boates. Já casada com Dominginhos fez algumas participações especiais em shows do marido.

"Eu acho que esse meu trabalho é o outro lado do Nordeste. Porque quando falo que sou pernambucana já pensam em frevo e baião. Eu quero cantar de tudo. Pra mim não existe estilo em música, depende de como você se sente para cantar. Pode ser frevo, forró ou canção. Vou participar do próximo disco do Luis Gonzaga (o pai). Mas não tenho pressa. Quero plantar o meu trabalho aos poucos para fixá-lo. Afinal, eu me considero privilegiada de já ter gravado esse disco".



Passoca apresenta-se no Teatro do Bixiga.

Sertanejo e urbano, o show de Passoca

Num espetáculo "muito simples, sem rebuscamento, sem complicações", como ele próprio define, Passoca apresenta-se hoje e amanhã, às 21h, no Projeto Acorde, no Teatro do Bixiga.

Marco Antonio Villalba, Passoca, é paulista de 31 anos e tem medo que o público o confunda "com mais um calpira que apareceu por aí". Mas a confusão pode se estabelecer: Passoca apresenta-se sempre acompanhado de violeiros.

Como compositor da grande parte de seu repertório, Passoca optou pela temática urbana e "não poderia ser diferente. Nasci em Ribeirão Pires e vivo em São Paulo". O som meio sertanejo de suas músicas é, para ele, consequência do que ouve todo dia.

"Este som é circunstancial, explica. Se pegarmos, por exemplo, os cearenses, eles têm o maracatu; os nordestinos em geral têm o baião. Aquil, estou sempre ouvindo a música sertaneja e por isso não dá para fazer coco, embolada." Pensando um pouco mais, ele volta atrás: "Dá para fazer, mas ficaria meio forçado."

Formado em Arquitetura, Passoca teve pouco tempo para dedicar-se à profissão: a música absorveu-o completamente. Desde os tempos de faculdade, ele já tocava, com o conjunto "Flying Banana", cujo nome era, antes de tudo, uma brincadeira e não pretensão. O conjunto acabou quando gravou o primeiro disco, em 1976.

O trabalho atual de Passoca é, de certa forma, uma continuação de sua atuação com o "Flying". Até um dos componentes do conjunto, Carão de Souza, continua a tocar com ele.

No show, Passoca vai mostrar músicas de seu disco "Que modal!", lançado em fevereiro pela RCA. "Este disco é o resultado das minhas experiências anteriores. Procurei, sobretudo, neste trabalho não centralizar a problemática do homem nem do campo nem da cidade, porque me preocupo com a situação do homem de forma geral. Assim do lado A traduzi uma visão mais sertaneja e do lado B uma preocupação urbana."

Entre as músicas que ele vai cantar no show estão "Curió", "Vida de Operário" (Marumby - Dom Hilário - Nho Neco), "Guacyra" (Hekel Tavares - Joracy Camargo) e músicas inéditas.



"Ser casada com Dominginhos ajudou bastante"...

Guadalupe, uma nova força feminina dentro da MPB

A cantora e compositora pernambucana Guadalupe está lançando seu primeiro elepê individual, "Princesa do Meu Lugar", produzido por seu marido, o sanfoneiro Dominginhos. O disco traz doze músicas inéditas, assinadas por um respeitável time de compositores da música popular brasileira, como Tom Jobim, Gilberto Gil, Hermeto Paschoal, Vinicius de Moraes, Toquinho e Sueli Costa, entre outros, além de uma parceria inaugural entre Dominginhos e Rita Lee.

"Produção de disco é uma coisa muito criativa, que exige um envolvimento muito grande, muita identificação de gostos pessoais e, principalmente musicais, entre o produtor e o artista. No caso deste meu primeiro elepê a coisa foi facilitada pelo fato de Dominginhos ter sido o produtor, afinal a gente está casado há muito tempo e a convivência diária facilitou tudo."

Destacando um dos pontos mais importantes na produção do disco, Guadalupe diz que "Dominginhos conseguiu puxar o meu lado emotivo: às vezes eu ficava muito nervosa no estúdio, desanimava um pouco com aquela parafernália toda de instrumentos e músicos à volta, aí ele me dava uma chamada, exigia uma interpretação mais apurada, então eu me concentrava mais, me desligava de tudo e conseguia chegar ao ponto ideal".

Sem dúvida alguma, pode-se afirmar que raras vezes na música popular brasileira algum artista — principalmente um estrepante — conseguiu agrupar em torno de um só disco um repertório de composições tão boas e de



"Esperei muito por este disco, mas ele nasceu justamente como eu havia sonhado há muito tempo"

autores tão famosos. "Confesso que foi uma coisa que chegou a me deixar constrangida — diz Guadalupe. Eu vejo, por exemplo, um compositor da importância de Paulo Vanzolini, com músicas como "Ronda", "Volta por Cima" e tantas outras, que só agora consegue gravar o primeiro elepê. E tem muitos outros exemplos paralelos como Nelson Sargento, Nelson Cavaquinho, Cartola mesmo, e outros mestres sagrados de nossa música popular, que só chegaram ao disco depois dos cinquenta anos. A inclusão de tanta gente importante no meu disco, colocou um fardo

de muita responsabilidade sobre os meus ombros. Mas fizemos um trabalho honesto, com muito carinho, e acho que todo mundo gostou. Por sinal, os colegas que tenho encontrado nos corredores de emissoras de rádio ou televisão têm me dado muita força. Djava, por exemplo, me disse umas palavras sobre o disco que me deixaram muito feliz".

Assim, com o aval do seu talento e da qualidade do material recolhido em "Princesa do Meu Lugar", a MPB acaba de ganhar mais uma força, para revitalizar ainda mais as trincheiras femininas da música popular brasileira.

09/09/80



por
dentro
da TV
Hildegard
Angel

● **Angela Leal e Toni Ferreira**, que dividem o mesmo apartamento, estão de mudança. Só que para o mesmo prédio e andar. Passam-se do 403 para o 401. O apê fica na **Lagoa Rodrigo de Freitas** e, com a mudança, eles vão poder apreciar, de um melhor ângulo, o **Cristo Redentor** que, até então, era visto de banda.

● O **Rio de Janeiro** será louvado no "E preciso cantar", da TVE. Típico carioca, **Moreira da Silva**, estará presente interpretando "Piston de gafeira", de **Billy Blanco**. Além disso, o programa terá as participações de **Carlos Lyra**, **Lúcio Alves**, conjunto **Viva Voz**, o **Tamba Trio** entre outros mais.

● A boate **Gallery** de **São Paulo** vai promover uma movimentada festa **black-tie**, no próximo dia 24, para homenagear todo o elenco de "Plumas e paetês", que já teve cenas gravadas lá. Toda a **São Paulo** elegante será convidada.

● Outro que vai dar festa é o colunista social da **Bandeirantes**, **Roberto Mosti**. Vai homenagear, com troféus, a "Mulher 70", em noite que será televisionado em novembro. Quando o programa de **Mosti** voltar ao ar, daqui a duas semanas, estará totalmente reformulado. Com mais dinamismo visual.

● Esta semana, em **TV Mulher**, continuo entrevistando o elenco do "Sítio do Pica-pau Amarelo". E o encerramento será sexta-feira com uma entrevista do diretor **Walter Campos** reunindo todo o elenco. Durante a conversa, **Walter** contará a vocês todos os pequenos problemas que enfrenta como "pai" dessa "grande família". Ficaremos sabendo o que, realmente, se passa nos bastidores desse programa, considerado por muitos "o mais bem feito da televisão brasileira".

FÃS NÃO ESQUECEM PEPITA

Mesmo afastada do vídeo há mais de um ano, **Pepita Rodrigues** (foto) continua recebendo numerosas cartas de fãs que reclamam a sua volta à TV. A atriz confidenciou a esta coluna que fica sempre muito emocionada ao ler as cartas que recebe e destacou a de uma fã



de 17 anos que lhe escreveu dando os parabéns pelo nascimento do **Dolinha**. **Pepa** e **Dola** estão lendo muitas peças de teatro, pois pretendem montar, breve, um espetáculo teatral. Assim, a atriz vai voltando aos pouquinhos ao seu público.

● **Carlos Augusto Strazzer** não está dando sorte com moradia no **Rio**. Trocou um apartamento no **Bairro Peixoto** por um num **Apart-Hotel** e ainda procura bom apê para alugar e instalar sua família.

Léa **Garcia** começando os preparativos para viagem que pretende fazer em fevereiro, quando entrar de férias no **Ministério da Saúde**, de onde é funcionária. A atriz vai até **Los Angeles** visitar o filho, que está fazendo mestrado de **Engenharia do Meio-Ambiente**, e conhecer o seu mais novo neto.

Chico Buarque nas TVs da Itália e Portugal

"Certas palavras com **Chico Buarque**", documentário feito pelo cineasta argentino **Maurício Beru**, está sendo negociado para ser apresentado como especial de televisão em emissoras da **Itália e Portugal**. No filme são apresentadas 22 músicas do compositor. Ele conta ainda com as presenças de **Vinícius de Moraes**, **Toquinho**, **Maria Bethânia**, **Francis Hime** e **Caetano Veloso**, que dão depoimentos sobre **Chico** e cantam junto com ele. O filme será lançado brevemente no **Brasil** e é sempre bom saber que poderemos ver o **Chico** nas telas, porque na televisão ele raramente aparece.



29/09/80

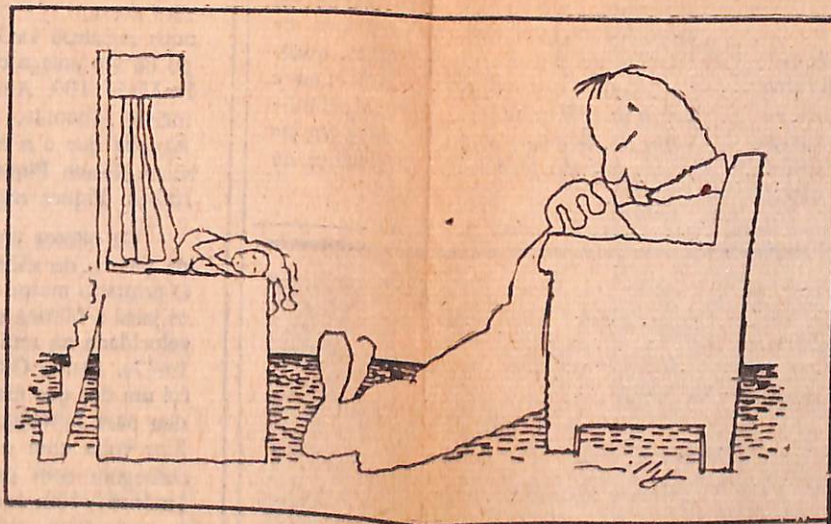
57

Dia comum na vida de crítico comum

ONTEM, numa casa amiga, eu ouvia uma antologia poética do sempre presente Vinicius de Moraes, gravada em Portugal. Poemas inéditos, desconhecidos da maioria. Um, em particular, era primoroso, e tinha por epígrafe uma fala de Jayme Ovalle. Disse: — O câncer é a tristeza da célula. Até o câncer Vinicius conseguiu poetizar.

Um dia na vida de um crítico, vez por outra, costuma ser tão impiedoso como um dia na vida de um exilado. Não há anistia para quem coloca em dúvida o derredor. Tomam-me por canceroso, sentem-me tumor maligno que corrói a superfície polida de todos os trambiques armados em nome da cultura. Ora pro nobis, não. Existe muita poesia na vida de um carcinoma, anomalia triste que, involuntariamente, asfixia as células nem sempre sãs.

Ah, agora fervilham as células da memória. Abro parênteses, com a responsabilidade de divulgar este ou aquele espetáculo me chamando às falas. Pois bem. Amanhã, no Teatro do América F. C., Rua Campos Salles, 118, Tijuca, às 21:30 horas, Nelson Caruso e Rodrigo Farias Lima assumem compromisso com o boulevardier Jean de Letraz, encenando Uma noite em sua cama, com tradução despudorada do colega Armino Blanco. No elenco, além do début teatral de Vera Gimenez (e streap-tease adicional), desfilam Nelson Caruso, Pedro Paulo Rangel, Luca de Castro, Lupe Gigliotti, Eliene Narduchi e Melise Maia. Direção do tradicionalmente indócil Antônio Pedro. Espera-se, apenas, que o divulgado desnudamento de Madame Gimenez aconteça sem luz em resistência, o que pode garantir alguns trocados extras para a dupla Caruso-Farias Lima. Como cunhou a giria de bastidores,



merda para eles. Quanto ao novo vôo do Teatro dos Quatro — A morte acidental de um anarquista, de Dario Fó, com direção do patricio Helder Costa, marcado para segunda-feira, na faixa das 17 horas —, maiores informações na coluna de sábado.

De volta ao câncer poetizável. Não, não era de brinca. Era de vera.

O contato de um crítico com a galeria de personagens femininos que circunscreve o véu ilusório da representação é uma realidade que tanto pode ser monótona, indiferente, celestial ou permissiva. A mulher, no teatro, existe desde os tempos em que a própria mulher era vedada a doce função de interpretar. Mas, o que importa? No fundo, eu queria dizer que não consigo abandonar a compulsão de mistura personagens criadas e mulheres vividas. Casei-me com Antígonas (que quiseram enterrar meu coração sem meu consentimento), namorei Margaridas Gauthiers (que vendiam a alma por um príncipe encantado e endinheirado), flertei com Normas Suellis (que coçavam o amor com navalhas), amei Jocastas (que me

curtiam filho). transei com Ladies Macbeths (que assassina:am minha cultivada entrega), mancomunei-me com Blanches Dubois (e brincamos de papai e mamãe, enquanto Seu Freud não chegava), enfim, como dá pra perceber, fui persona contemporânea do Richard The Third, Cyrano, Manguari Pistolão, Todo Mundo, Pathelin, Carlos Gardel é muitos mais, caricaturas das peças que a vida insiste sempre em me pregar.

Antes de falar da última personagem — mulher — você também deve ter as suas, leitor —, a mesma memória que me faz vulgar remexer a lama de tudo que até hoje vi. Garimpo, garimpo, e eis uma pepita. Ou seria uma pérola, colhida depois de uma eternidade submersa? Luigi Pirandello, que lhe deu forma, brilho e cor, batizou-a de O homem da flor na boca. Era uma flor especial, muito vermelha, como o próprio sangue que, ao mesmo tempo, traduz começo e fim. E o homem que portava aquela flor na boca era o poeta Pirandello; o poeta e sua flor; tudo girava à volta da flor. E girava porque a flor, na plen-

tude de sua vermelhidão, era um câncer irreversível como a morte, sobre o qual dois personagens dissertavam: um homem-poeta, sua flor inarredável e fatal, além de um outro homem desconhecido, encontrado ao acaso numa pequena gare, e para quem um câncer representava uma metáfora de cheiro suave e cor precisa. Sou esse homem desconhecido. Em agosto — ah, agosto! —, olhei para um câncer e vi uma flor. Câncer-flor (e vice-versa) que, afinal, transpirava poesia por todas as células e caules.

Da flor de Pirandello, pulo, com a rapidez reticente de uma fala, para a personagem-mulher que tange dois rios caudalosos: o Amazonas de Nelson Rodrigues e o Ebro de Federico Garcia Lorca. Mistura confusa, espírito híbrido, contornos imprecisos entre Bernarda Alba e Dona Engracadinha (depois dos 30). Um alguém simultaneamente tirânico e sensual, austero e idílico. Um alguém que, todavia, afivelava na face o rictus da flor na boca. Dessa vez, sem poesia. Então, divisei não o câncer de Pirandello, mas o carcinoma empreado por Jayme Ovalle a Vinicius de Moraes, o poetinha, canário belga que cantava vinha-chuva-vinha-sol.

Aumento minha anticonvencional coleção de cânceres, carcinomas e flores. Não só na boca, mas por todo o corpo. E como é belo o meu jardim de linfomas, que pulsam por todas as veias e canteiros.

Eu continuo sendo uma desconhecido, embora saiba que, sem exceção, Bernarda Alba e Dona Engracad'nha, mais dia, menos dia, acontecem na vida de todos, sejam críticos ou leitores. De resto, há que ter cuidado com as personagens que se vestem de preto e andam à cata do personagem ideal. Sabia Lorca, sabia Nelson Rodrigues, agora sei eu.

9 / 9 / 80

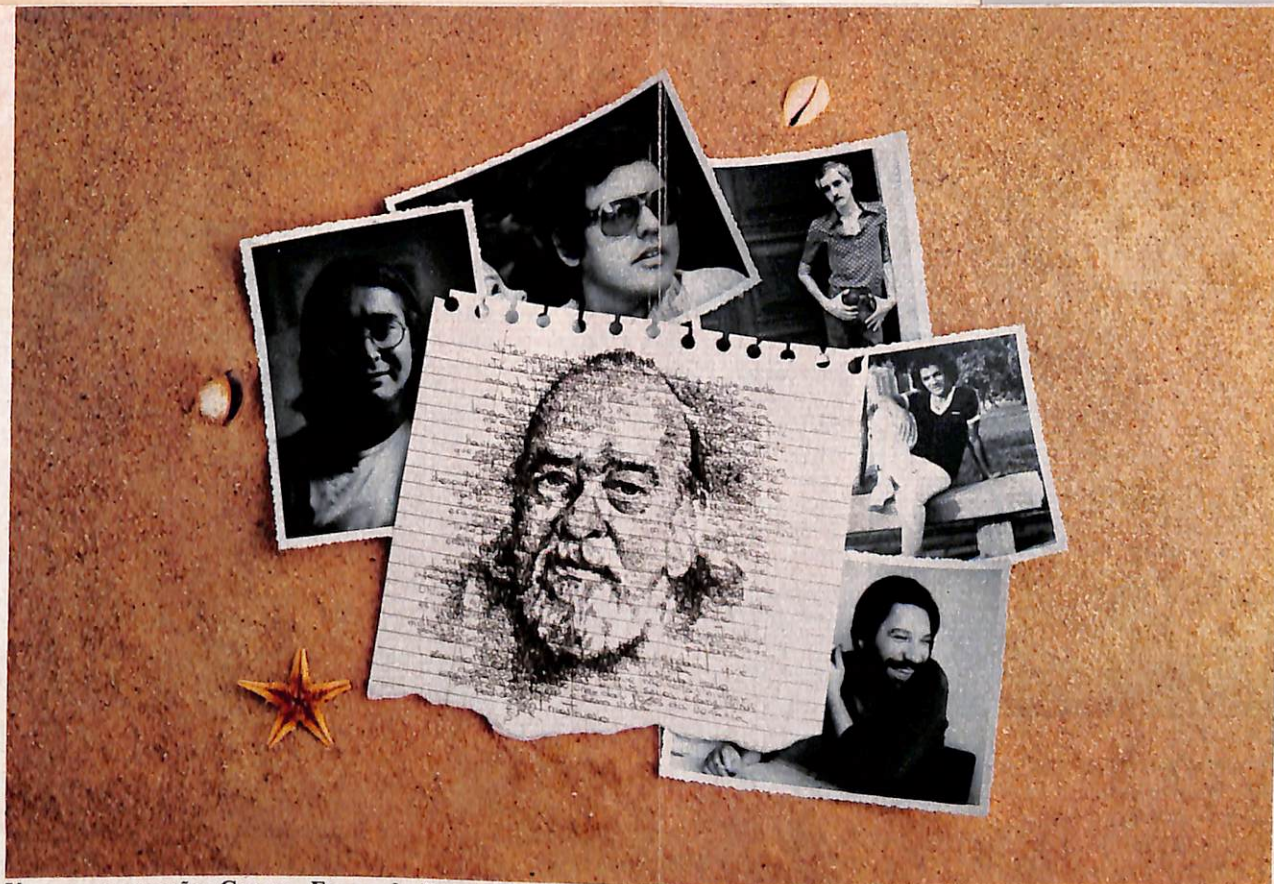
O saxofonista Stan Getz chega hoje ao Rio e faz uma temporada única no Brasil, de 11 a 14 deste mês. Ele é considerado pelos críticos norte-americanos como um dos maiores instrumentistas do jazz. Vem de Caracas, onde se apresentou para um grande público, e desembarca no Galeão pouco antes das 9 horas — às 18, dá uma entrevista coletiva.

**Stan
Getz no Rio.
Mas só
para quatro
shows.**

No Rio, Stan Getz vai fazer quatro apresentações, de quinta a domingo, no Caesar Park Hotel, em Ipanema. Depois descansa até o dia 21, aproveita para "rever velhos amigos brasileiros" e vai para a Argentina, onde tem apresentações marcadas em várias cidades.

Nenhum músico conseguiu acumular tantos prêmios quanto Stan Getz. Ele é recordista absoluto das famosas enquetes das revistas musicais norte-americanas e até hoje já venceu 18 vezes a Play Boy Jazz and Pop Poll e 20 vezes a Down Beat Poll. Nas suas apresentações do Rio, vai executar alguns dos seus antigos sucessos: "Desafinado", "Wave", "Look to the sky", de Tom Jobim, e "Garota de Ipanema", de Tom e Vinícius de Moraes.

Os ingressos para os shows custam Cr\$ 2 mil e, com direito a jantar, Cr\$ 3 mil. Para facilitar a viagem ao Rio, o Caesar Park Ipanema também oferece um pacote, incluindo o show, jantar, hospedagem e café da manhã. Custa Cr\$ 9.950,00 para casal e Cr\$ 6.350,00 para solteiros.



Uma nova geração: Cacaso, Fernando Brant, Tite de Lemos, Abel Silva e Vítor Martins (da eq. para a dir.)

Música

Herdeiros de Vinicius

O poeta abriu caminhos e refinou a linguagem. Hoje, ser letrista já é profissão

Até bem pouco tempo viver de música no Brasil era praticamente impossível para quem não fizesse parte do estreito círculo dos astros e estrelas. Ao compositor restava a possibilidade de — com ou sem voz — se tornar um cantor e recolher para si a popularidade e os dividendos gerados da reprodução de seu disco em rádios, televisões e teatros. No fundo do poço ficavam os autores das letras das canções — para estes, não sobrava quase nada. Até a década de 50 eles eram os porteiros de rádio, os jornalistas, o dono da editora, o companheiro da mesa de bar. Mas aconteceu a bossa nova e com ela Vinicius de Moraes. Poeta e diplomata, ele foi o autor de letras por excelência destes últimos vinte anos e abriu o caminho para que não apenas a estrutura da canção popular ganhasse um

princípio de sofisticação, mas também se esboçassem os contornos da profissão de letrista.

Há quatro anos, com a reformulação da distribuição de direitos autorais, já existem no Brasil aqueles que podem ganhar dinheiro fazendo letra de música. Depois de Vinicius de Moraes, a linguagem musical abriu suas portas para grandes aventuras. Caetano Veloso e todos os outros que participaram do movimento tropicalista (Torquato Neto, Capinam, Gilberto Gil) fizeram uma nova revolução. Vinicius falava do amor, da mulher amada. Caetano buscava outros horizontes, falava da vida, das inter-relações, do sonho, desobedecia a ordem métrica, a lógica do sentido. E havia também Chico Buarque, com uma linguagem mais direta, e que, num determinado

momento de sua poesia cantada, liberou a mulher que, segundo sua visão, estava prisioneira dentro do homem.

LEITE B — Hoje, os letristas de profissão já começam a abandonar as atividades paralelas. Já não sonham com a publicação de um livro de poemas e representam, ainda que em vãos isolados, uma nova geração dedicada a fazer uma poesia específica para grandes multidões. Com o mineiro Fernando Brant, 33 anos, o processo de reconhecimento da profissão demorou doze anos. “Até pouco tempo atrás ser letrista era danado”, diz Brant. “A gente ganhava pouco e era pouco valorizado pelo público.”

Para sobreviver, ele fazia textos para firmas de publicidade, enquanto escrevia letras para Milton Nascimento, Tavinho Moura, Beto Guedes. Foi assim desde 1967, quando sua primeira letra, “Travessia”, ficou conhecida fora de Minas Gerais. Há um ano, porém, Brant abandonou a publicidade e hoje vive exclusivamente de direitos autorais: tem ganhado cerca de 200 000 cruzeiros por trimestre (os pagamentos, neste setor, são feitos trimestralmente).

Raphy Hight Line.

Para quem sabe aproveitar o que a vida tem de melhor.

que meu deu 400 000 cruzeiros de adiantamento."

LIRISMO — Ligados apenas pela profissão, esses novos letristas brasileiros não defendem qualquer renovação na linguagem da letra musical, nem estão unidos em torno de movimentos. O professor de literatura e escritor Afonso Romano de Sant'Anna acha que os novos letristas têm como herança "um lirismo que é da língua portuguesa", e, como qualquer ouvinte pode perceber, fazem letras frequentemente herméticas. "As vezes é preciso ouvir duas ou três vezes para saber do que estão falando", diz Sant'Anna. "Esse 'não saber direito' é herança de um comportamento under-

tor Martins, que trabalha em cima de um texto direto, mais político, preocupa-se em deixar claro que suas composições são contestadoras: "Quero passar nas minhas letras que estamos contra o que está acontecendo", diz ele. As letras de Tite de Lemos têm uma forte tendência erótica, e, na definição dele próprio, "uma presença do feminino sublinhada com uma dimensão carnal, mas espiritualizada".

Na visão de Fernando Brant, o Brasil está acordando para "a sua expressão continental", o que justificaria a presença de muitas letras tratando de temas brasileiros. "Hoje as regiões também estão falando, quebrando o eixo Rio — São Paulo."

SEGURANÇA NACIONAL — Para Cacaso, enfim, nenhum movimento ideológico motiva a produção musical do país, a não ser as saídas específicas de cada um. "Música e mercado são uma coisa só", desabafa ele. "O que conta hoje em dia é o que o trabalho vai render." O fato é que hoje se consome mais música popular brasileira do que em qualquer época recente. Os shows esgotam lotações, discute-se e ouve-se com mais atenção o que sai da boca do cantor. "Hoje em dia, poeta popular é uma questão de segurança nacional, em termos de cultura", diz Abel Silva. Ele lembra que a juventude brasileira, antes de ler Carlos Drummond de Andrade, já ouviu as letras de Caetano Veloso, de Chico Buarque e dos letristas da nova geração. "É uma responsabilidade cultural muito grande a nossa", conclui Abel Silva.

Jura Secreta
Abel Silva - Sueli Costa

*Só uma coisa me entristece
O beijo de amor que não roubei
A jura secreta que não fiz
A briga de amor que não causei
Nada do que posso me alucina
Tanto quanto o que não fiz
Nada do que eu quero me suprime
De que por não saber ainda não quis*

Aos nossos filhos
Victor Martins - Ivan Lins

*Perdoem a cara amarrada
Perdoem a falta de abraço
Perdoem a falta de espaço
Os dias eram assim
Perdoem por tantos perigos
Perdoem a falta de abrigo
Perdoem a falta de amigos
Os dias eram assim...*

ground-tropicalista brasileiro, da linguagem fragmentada, de mensagens fora do pensamento linear." Ele observa ainda que existe muito "eu" e "mim" nas canções de hoje, decorrente de um comportamento onde se procura a solução do mundo dentro de si mesmo, onde as pessoas se recolhem, se fecham.

Os letristas, porém, têm maneiras diversas de analisar sua própria produção. Abel Silva, por exemplo, define-se como um "poeta lírico", mas que não vai atrás dessa dor-de-cotovelo geral. "Acho que é preciso cantar um amor novo", diz ele. Ví-



Entre as melhores atrações desta vida está o prazer de se vestir bem. Um prazer que começa com a escolha da camisa.

Quem escolhe uma Raphy Hight Line sabe que está fazendo uma escolha de bom gosto e de muita classe.

Porque uma camisa Raphy Hight Line é meio caminho vestido para o sucesso.

Seja ela em seda, voile, lisa, bordada ou estampada em padronagens exclusivas. Nunca com uma cara excessivamente conservadora, nem excessivamente liberal.

Vestir Raphy Hight Line é um gostoso prazer que você precisa experimentar sem demora.

Se é que uma pessoa inteligente como você ainda não experimentou.

Raphy
HIGHT LINE



Face a Face
Cacaso - Sueli Costa

*São as trapasças da sorte
São as graças da paixão
Pra se combinar comigo
Tem que ter opinião
São as desgraças da sorte
São as traças da paixão
Quem quiser casar comigo
Tem que ter bom coração*

O paulista Vítor Martins (que faz hoje parcerias exclusivas com Ivan Lins, "Somos Todos Iguais Nesta Noite", "Cartomante") e o carioca Tite de Lemos (jornalista, a maioria das parcerias com Sueli Costa, "Medo de Amar n.º 2"), embora abordem temas diferentes, são exemplos de pessoas dedicadas apenas à construção de versos para serem musicados. Já não é o caso do fluminense Abel Silva e do mineiro Antônio Carlos de Brito, o "Cacaso" — os dois já têm uma tradição com a poesia escrita, com livros publicados. Abel ("Jura Secreta", com Sueli Costa, "Sangue e Pudins", com Fagner), de 37 anos, ainda dá aulas na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas ganha dinheiro com a poesia, "o suficiente para andar de táxi, comprar leite B para o meu filho, pagar o aluguel e a escola".

Cacaso ("Face a Face", com Sueli Costa, "Lero-Lero", com Edu Lobo), 36 anos, até o ano passado dividia a música popular com a universidade, onde era professor. "No começo era uma atividade marginal", diz ele. "Eu tinha outras metas na vida." Mas há um ano e meio Cacaso abandonou um curso de pós-graduação na Universidade de São Paulo, onde deveria defender uma tese sobre poesia brasileira nos últimos trinta anos. "Eu precisava dar aulas em três faculdades e ganhava uma mixaria. Agora assinei contrato com uma editora

10 / 09 / 80 № 538



O Pirata

Canal 4, quinta



Assim Nascem os Heróis

Canal 11, quinta

Indicações de F. Paranhos



Robert Redford e Natalie Wood: *A Procura do Destino*. Canal 4, segunda.

mes de um ex-oficial nazista (Maximilian Schell), atualmente dirigindo uma fábrica de armamentos sob nome suposto.

O épico em superprodução **Spartacus** (quarta, no 7, às 21 horas), cuja reapresentação prometida para semana passada foi transferida para esta, é o melhor dos repetecos, com sólida direção de Stanley Kubrick e superelenco competente. Segue-se **A Procura do Destino** (segunda no 4, às, 23h25min), curioso drama de uma estrela adolescente na Hollywood dos anos 40, com Natalie Wood interpretando a protagonista.

Completam o marcador a aventura musical **O Pirata** (quinta, no 4, às 23h25min), com Judy Garland e Gene Kelly sob as ordens do sofisticado Vincente Minnelli, em produção de 48; **Assim Nascem os Heróis** (quinta, no 11, às 21 horas), antiépico de guerra, com Cliff Robertson e Michael Caine dirigidos pelo respeitado Robert Aldrich; finalmente, a comédia **A Costela de Adão** (quarta, no 4, às 23h25min), com Spencer Tracy e Katharine Hepburn brigando no lar e nos tribunais (profissionalmente).



Jon Voight: *O Dossiê de Odessa*. Canal 4, sábado.

CINEMA/DESTAQUE

Zequinha de Abreu é tema de filme esta quinta no canal 4



Lamartine Babo



Chico Buarque



Bené Nunes



Noel Rosa



Vinícius de Moraes

Ziembinski, Tônia Carrero e Anselmo Duarte em *Tico-Tico no Fubá*.

Quinta, às dez para as duas da tarde, a Globo vai rerepresentar *Tico-Tico no Fubá*, versão romancada da vida do compositor Zequinha de Abreu, com Anselmo Duarte no papel central. Produzido pela Vera Cruz em 1952.

O filme era atraente, na idéia de retratar as atividades de um artista popular. Infelizmente, as diretrizes da empresa fizeram com que a vida do famoso autor se transformasse

num amontoado de clichês copiados dos congêneres estrangeiros.

Os autores de música popular sempre serviram bem ao cinema, porém suas vidas muitas vezes sofriam deformações adaptáveis às convenções dramáticas, que dominavam este ou aquele centro produtor, em determinada época. Foram muitos — e raros selecionáveis — os filmes americanos, franceses, alemães, argentinos, mexicanos, italianos, espanhóis, indianos etc. que procuraram, na biografia de seus compositores de sucesso, veículo ao espetáculo. Compositores românticos da

opereta, da ópera, do lied, do cuplé, do tango, do fox, das marchas e hinos, do bolero ressurgiram na tela com seus problemas submetidos a fórmulas deformantes.

O Brasil não deixou de se filiar ao esquema: em 1952, Luiz de Barros dramatizou a vida de Sinhô em *O Rei do Samba*, com Bené Nunes; em 1968, Joanna Fomm reviveu Dolores Duran em *A Noite do Meu Bem*, de Jece Valadão. Foram poucas, porém, as incursões. Entre nós, o compositor popular foi glorificado principalmente nos filmes curtos documentais e, com mais

freqüência, da segunda metade dos anos 60 para cá: Noel Rosa (por Gilberto Santeiro), Lamartine Babo (por Carlos Frederico), Chico Buarque (por Flávio Moreira da Costa), Ismael Silva (por Adnor Pitanga), Pixinguinha (por João Carlos Horta), Moreira da Silva (por Ivan Cardoso), Heitor dos Prazeres (por Antônio Carlos Fontoura), Nelson Cavaquinho (por Leon Hirszman), Ataulfo Alves (por Afrânio Vital), João da Bahiana (por Luis Carlos Lacerda), Vinícius de Moraes (por David Neves).

AMIGA

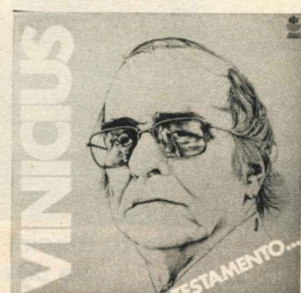
10 / 09 / 80 Nº 538



Título: BOCA DO POVO
Intérprete: JOAO NOGUEIRA

Sem dúvida este é o melhor LP gravado por **João Nogueira**, superando amplamente o seu trabalho anterior, até então o disco que lhe deu mais projeção popular e ressonância artística. É que neste "Boca do Povo" **João** partiu para um trabalho mais elaborado e foi felicíssimo na escolha do repertório. Assim, ao lado de músicas inéditas, como "Poder da Criação", "Seu Dono da Gente" e "Trabalhadores do Brasil" — que têm tudo para ser sucesso —, regravou "Linguagem do Morro" e "Mulher Valente É Minha Mãe" (esta a primeira música que **João** gravou profissionalmente), dois excelentes sambas. O trabalho foi muito bom. Resta saber se irá cair na boca do povo.

Fernando Costa



Título: TESTAMENTO
Intérprete: VINICIUS DE MORAES

Vinicius volta até nós através desse "Testamento" para comprovar que ele será eterno e que todos nos lembraremos sempre dele. **Zuza Homem de Mello** sintetiza na contracapa toda a obra de **Vinicius**, que não é pequena. São 12 músicas superselecionadas e cantadas sempre por ele e um amigo, muitos dos que conviveram com ele. Fazem parte do LP: **Maria Creuza**, **Marília Medalha**, **Maria Bethânia** e o seu amigo inseparável: **Toquinho**. As músicas — lindas — são: "O Velho e a Flor", "Canto de Ossanha", "Apelo", "Eu Sei Que Vou Te Amar", "Testamento", e outras que fizeram com que **Vinicius de Moraes** seja reverenciado até sempre.

Edson Pinto

10 / 09 / 80 Nº 538



CONFIDE

Norma Ajara

Clóvis Bornay vai agitar no Peru

JOÃO Nogueira lançou seu LP no Clube do Samba, semana passada. A diretoria da Polygram dando aquele prestígio ao sambista. Heleno Oliveira, diretor-geral, era o mais entusiasmado. Jairo Pires comentando que este ano está realizando grandes lançamentos, como foi o caso de Wando e Tim Maia. Clara Nunes deixou de fazer um show para ir abraçar o amigo e compadre João Nogueira. Miúcha também estava por lá, sempre rindo, e Fernando Werneck, responsável pela imprensa, estava feliz com a notada.

CLARA Nunes está num bom astral. Seu LP já saiu com a vendagem de 180 mil cópias, seu marido Paulo César Pinheiro cada dia merece mais o seu amor, sua agenda está cheia até o final do ano e sua amizade com Alcione (a Marrom) está mais sólida do que o Pão de Açúcar.

CLÓVIS Bornay segue para o Peru, sob o patrocínio da Riotur, com um grupo de carnaval; uma promoção de intercâmbio cultural. Antônio Lemos também segue com eles. Na foto, Belino Melo, o homem que entende de fantasias, e o jornalista Luís Carlos Issa.



Vinicius de Moraes

Agravadora Ariola está preparando um LP com músicas infantis de **Vinicius de Moraes**. No LP estão Milton Nascimento, As Frenéticas e Ivan Lins. Enquanto isso, a RCA está fazendo, em segredo, um LP de blocos de embalo, pois a Top Tape também lança um LP de carnaval. Tudo será lançado em setembro.

ANA Davis, apresentadora de "O Povo na TV" pela TVS, temporariamente (ou guardacostas) o próprio marido. Todos os dias ele vai levá-la e buscá-la na TVS.



Milton Nascimento



Ivan Lins

PAULO Giovanni feliz. Seu ípobe é o maior da Rádio Globo, sua agência está cada vez melhor, sua filhinha Fernanda, uma gracinha, e sua mulher Vera esperando outro bebê. Giovanni só tem ainda um problema, ou melhor, um apelo a fazer: um de seus telefones está mudo há três meses e a Telerj ainda não consertou.

ZÉ Catimba está de volta com força total. Seu samba, que está concorrendo na Imperatriz Leopoldinense para este carnaval, é um dos mais bonitos e mais cotados; o tema é "A Vida de Lamartine Babo". Luizinho, presidente da escola, garante a presença novamente de Gal Costa na Imperatriz.

HUMBERTO Garin esteve no Rio. Veio com a mulher (a cantora Sônia Mayar) e os dois foram ao Carinhoso, onde encontraram Ed Lincoln, o amigo que não viam há anos. Mataram aquela saudade e Garin deu aquela colher no conjunto de Ed Lincoln, só saindo do Carinhoso às seis da manhã.

NOCA da Portela lança seu primeiro LP que já está bem em vendagem. O produtor, Pedro Cruz, satisfeito com todos os resultados e a RCA dando aquele apoio ao disco do Noca.

EMÍDIO Menaes e Carlos Gonçalves estão muito preocupados: o programa "Rio dá Samba", aos sábados pela Bandeirantes, está dando o que falar. Eu explico: eles são produtores do programa e o estúdio da emissora tem sido pequeno para o número de artistas convidados. Além disso, tem sido curto o horário de duração do programa para apresentar a todos.

Promoção Roberto Carlos — AMIGA



85

RUBENS Ewald Filho trabalhando em lugar incerto e não sabido para terminar a tempo todos — eu disse "todos" — os capítulos da novela "Um Homem Muito Especial". É que embarca, nos primeiros dias de setembro, para os Estados Unidos, onde fica um mês a convite do Departamento de Estado, visitando as principais redes de televisão.

DEPOIS de alguns anos de prateleira, finalmente foi marcado para fins de agosto o lançamento do filme "Os Amantes da Chuva", direção de Roberto Santos. Betty Mendes e Helber Rangel são o casal de amantes que desenca-

deia chuva toda vez que se encontra, na curiosa história de Carlos Queiroz Telles, também autor do roteiro e dos diálogos. No elenco Manfred Bahia, que foi o herói de especial de TV "O Bom Misterioso e o Vaqueiro Menino".



Bete Mendes

FOLHA DA TARDE - SP
10/9/80

Lenita Miranda de Figueiredo

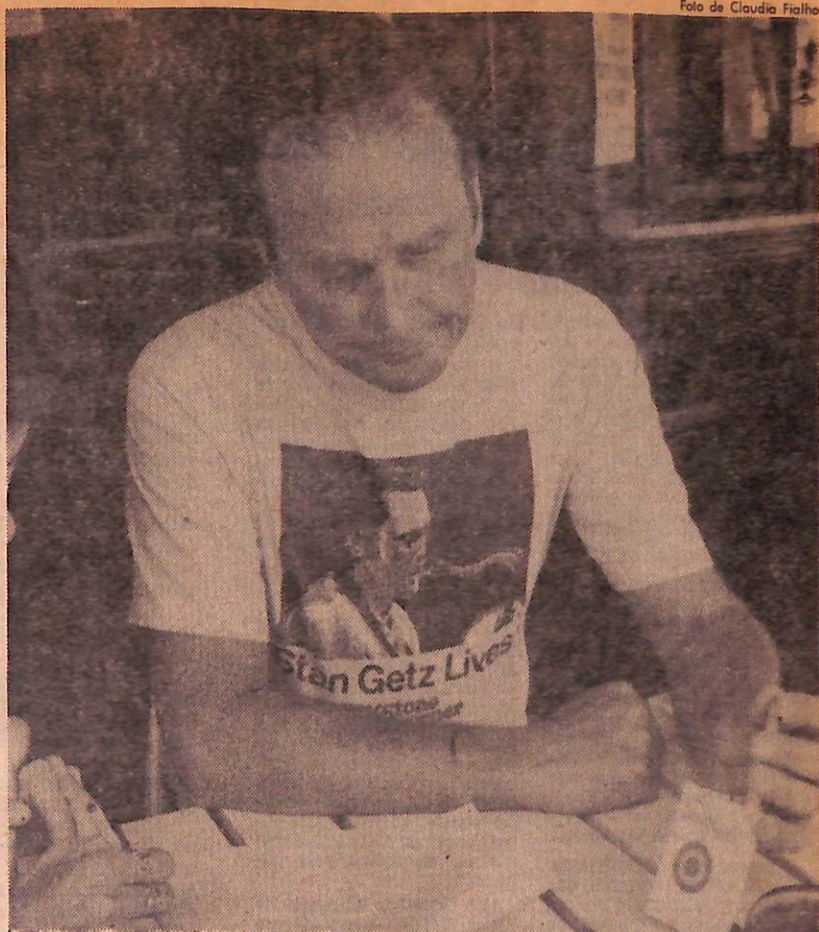
Vinícius e a mulher 50

Nos anos 50, que foi considerada a década romântica, a sociedade paulista se deliciava com as ricas temporadas de verão no Guarujá, quando na orla todo e qualquer acontecimento era uma festa junto aos grupos que circulavam pelos casarões de veraneio ou no Grande Hotel, foco dos acontecimentos das temporadas fervilhantes dos verões passados. Nesta época, o sucesso maior era a "Maloca da Vovó", nome que um grupo "snob" de amigos de Zilda Telles Ferreira, considerada a "Vovó" mais jovem. Entre artistas, gente de sociedade, escritores, poetas e jornalistas, destacavam-se os colonistas sociais: Tavares de Miranda, Matos Pacheco e Caio Furtado. Denner, garoto e franzino, vinha com seu talento, Ricardo Amaral iniciava a sua jovem-guarda, Wallinho Simonsen, Johnny Simonsen, Fernandinho Muniz de Souza surgiam na passarela do sucesso. Murlinho de Almeida fazia temporada na piscina do Grande Hotel e Elizeth Cardoso foi trazida por Maysa na "Maloca da Vovó". Majour Nogueuês organizava grupos para a turma toda e surgia também o rapazola Milton Faria que entrou na turma e nunca



mais saiu. Em 1957, Zilda Telles Ferreira deu um grito de carnaval em sua "maloca" e os clarins soaram em altos brados. Todos disseram presente, pois lá estava um ilustre visitante para ser apresentado à sociedade paulista. Era ele o poeta Vinícius de Moraes, que viera do Rio para uma temporada na orla paulista. No grupo estavam: Murlinho de

Almeida, Eliseth Cardoso, Maysa e, segundo consta nestes arquivos implacáveis, foi a mais longa noite carnavalesca da orla. Na foto, Zilda Telles Ferreira veste uma "apachenette, com piteira e tudo, o poeta Vinícius de Moraes, de "Bebê Chorão" e Bi Crisostomos de Oliveira, uma encantadora "Chiquinha", só para matar saudade.



De uma das mesas do bar Garota de Ipanema, Stan Getz reviu o Rio

Stan Getz chega ao Rio para temporada, vai à praia e aprova caipirinha

Um mergulho na praia de Ipanema e uma caipirinha no bar Garota de Ipanema fizeram as delícias do músico americano Stan Getz, que chegou ao Rio ontem de manhã, para uma série de apresentações no Caesar Park Hotel (de amanhã a domingo).

O saxofonista, um dos principais divulgadores da bossa nova nos EUA na década de 60, queria notícias de velhos amigos (Jorge Guinle, Tom Jobim, João Gilberto) e também da garota de Ipanema (que imagina mais gorda). Entristecido-o saber da morte de Vinícius de Moraes, mas a caipirinha o deixou alegre: gostou tanto que pretende dar o nome de Caipirina à sua próxima filha.

Galanteios

Para o show no Caesar Park Hotel ainda há ingressos à venda. Preço: Cr\$ 2 mil. No repertório, clássicos da bossa nova que ele ajudou a tornar conhecidos do público norte-americano, como **Desafinado**.

Stan Getz veio de Caracas, Venezuela, onde se apresentou no Teatro Municipal, com capacidade para 1 mil 200 pessoas, lotado nos três dias de sua temporada: um sucesso de público e de crítica, segundo seu empresário Alejandro Sztrenselde, apontado como um dos mais importantes empresários da linha de shows internacionais.

Bem-humorado, ele chegou acompanhado da mulher, Monica, e dos músicos Chuck Loeb, Mick Hyman, Todd Coolman e Mitch Forman, e logo pediu para visitar o bar Garota de Ipanema, onde, recordou-se, esteve há 15 anos com seu amigo Tom Jobim.

Mas antes nadou um pouco. Depois, a pé, de calção e camiseta com seu nome e foto, caminhou até o bar. Sem aparentar seus 53 anos, foi reconhecido por um casal de australianos e, galante, dirigiu elogios às moças presentes. Do hotel já falara, pelo telefone, com Jorge Guinle, e do Garota de Ipanema ligou para Tom Jobim.

Sua estreita proximidade com Tom, ele a explica pela coincidência de terem ambos nascido no dia 2 de fevereiro de 1927, entre 10 e 11 horas da noite.

Getz também perguntou por Eloísa (Miúcha), e lembrou-se da época em que João Gilberto morou em sua casa. Alguns anos atrás, contou, os dois tinham marcado um show no Carnegie Hall, mas João não apareceu: mandou em seu lugar Bebel, a filha, então com nove anos, e que, segundo o saxofonista, encantou a platéia.

Quis também saber de Baden Powell, um grande artista, em sua opinião. Ao recordar os amigos, fala sempre em **carma**: o carma de João, o carma de Jobim etc. "Muito feliz por estar no Rio", acredita que fará uma ótima temporada, pois confia em que será bem recebido: "Amo o povo e a música brasileira".

Tocar música, para ele, é como ter um diálogo com Deus, "uma coisa divina". Indagado sobre a declaração de Benny Goodman, de que é "o maior sax do mundo", ponderou que um artista nunca deve considerar-se o melhor. Citou Wayne Shorter como um dos bons saxofonistas do momento. A tarde foi descansar, pedindo massagem e sauna antes da entrevista coletiva das seis da tarde.

Vítima

No seu primeiro dia no Rio de Janeiro, Stan Getz teve duas surpresas desagradáveis. A primeira, logo que chegou: roubaram-lhe 2.500 dólares e o cartão do American Express. A segunda aconteceu mais tarde quando depois de procurar Tom Jobim através de amigos comuns conseguiu encontrar o compositor. Alegre, Stan Getz perguntou quando se veriam. Tom, seco, respondeu que estava subindo naquele instante para a montanha e só voltaria daqui a oito dias.

JB expõe jornais escolares

Mais de 50 alunos de 1º e 2º graus participam hoje, às 15 horas, da exposição de jornais escolares em comemoração ao Dia da Imprensa, no auditório do JORNAL DO BRASIL. Eles fazem parte do projeto Jovem Jornalista, criado há três anos pelo Departamento Educacional do JB, com o objetivo de estimular a produção desses veículos de informação entre os estudantes das escolas oficiais e particulares do Rio.

Muita coisa mudou desde o dia 10 de setembro de 1808, quando começou a circular o primeiro jornal impresso no Brasil: **A Gazeta do Rio de Janeiro**. Nos 172 anos que se passaram, a fotografia ganhou maior importância, as notícias, mais velocidade, a diagramação e a impressão, novas técnicas e processos. Hoje, ao lado das chamadas "grande imprensa" e "imprensa nanica ou alternativa", já há espaço para os jornais de bairro, os **house organs** (de empresa) e, ainda engatinhando, a imprensa estudantil.

Através de palestras, entrevistas e debates, os participantes do projeto Jovem Jornalista entram em contato com a atividade jornalística — da reportagem à produção gráfica — e são incentivados a criarem seus próprios veículos, de acordo com a realidade do colégio e suas disponibilidades materiais. Os resultados desse trabalho fazem parte da exposição de hoje, mas o projeto prossegue até outubro, com duas atividades semanais (manhã e tarde).

Tecnilar faz convênio com argentinos

A Tecnilar ofereceu um coquetel em homenagem ao grupo empresarial argentino com o qual assinou convênio de exclusividade na aplicação de seus investimentos no Brasil, especialmente na área imobiliária. O coquetel foi realizado na sede da Tecnilar Planejamento e Vendas Ltda., na Rua do Carmo, 7, 17º andar, presentes vários empresários, entre os quais, os investidores argentinos Americo Flaiban, Sylvio Dimente e José Meritello.

STAN GETZ

Um mestre do saxofone no Rio



DESAFINADO, Wave, Look to the Sky, de Tom Jobim, *The Girl From Ipanema*, de Tom e Vinicius de Moraes, *Diaper Pim* e *Interlude in Bebop*, ambas de Stan Getz, *Blue Serge*, de Mercer Ellington, *Lester Left Town*, de Wayne Shorter, são alguns dos antigos sucessos que Stan Getz reviverá em suas quatro apresentações a partir de amanhã no Caesar Park Hotel, em Ipanema.

Considerado pela crítica norte-americana um dos maiores saxofonistas já vistos, Stan Getz é detentor do maior número de prêmios que um músico já conseguiu acumular: recordista das enquetes das revistas musicais americanas, até hoje venceu 18 vezes a *Play Boy Jazz and Pop Poll* e 20 vezes a *Down Beat Poll*. No Rio, participarão de suas apresentações Chuck Loeb (guitarra), Mike Hyman (bateria), Brian Bromberg (baixo), Mitch Forman (piano) e Stan Getz no sax tenor e sax soprano.

ROTEIRO BIOGRÁFICO

A música surgiu na vida de Stan Getz aos seis anos de idade. Aos 13, com a transferência da família de Filadélfia, na Pensilvânia, onde nasceu, para Nova York, começou a tocar contrabaixo, fagote e saxofone na banda de sua "high-school".

Aos 15 anos, já tendo adquirido grande habilidade com o saxofone, instrumento ao qual mais se dedicou, desde que começou a lidar com música, e que mais tarde o notabilizaria em todo o mundo, resolveu utilizar-se de sua arte a fim de conseguir algum dinheiro, que lhe possibilitasse ingressar na Faculdade de Medicina. Aos 18 anos, no entanto, abandonaria a Universidade, pois já entendera que seu caminho era a música.

Atualmente, Stan Getz é, sem dúvida alguma, o saxofonista mais premiado de todos



os tempos. Recordista absoluto das famosas "polls" (enquetes) das revistas especializadas americanas, em 1949, ele ganhou sua primeira "poll" como o maior sax do ano. Nos anos seguintes, Getz conquistaria mais "polls" e prêmios que qualquer outro instrumentista de sua especialidade no mundo. Até hoje, ele já venceu 18 vezes a *Play Boy Jazz and Pop Poll* e 20 vezes a *Down Beat Poll*, ainda mais importante que a primeira.

Aos 18 anos, Stan Getz já havia feito "escola", tendo passado por diversas bandas importantes dos EUA, tais como a de Phil Harris, Stan Keaton, Jimmy Dorsey, Benny Goodman, este último até hoje afirma que Getz é o maior sax tenor de que já ouviu falar.

Entre os 18 e os 22 anos, fase das mais ativas de sua carreira, Stan Getz participou da formação de um grupo que até hoje é dos mais respeitados nos meios "jazzísticos". Trata-se do "Four Brothers", que mais tarde incorporou-se à famosa "Second Herd", de

Woody Herman. Por esta época, Stan gravou seu solo clássico de *Early Autumn*, o que levou o disco a um sucesso mundial sem precedentes.

Ultrapassada a "maioridade", Stan já se sentia em condições para trabalhar com seus próprios músicos. Seu primeiro trabalho nesta nova fase, foi um álbum intitulado *The Long Island Sound*, que continha uma coleção de discos de 78 rotações e que logo, logo se tornaria parte essencial do repertório "standard" de jazz. O crítico Jack Maher assim se referiu a esta fase de Stan Getz: "ele captou o agrado e a imaginação de praticamente todos os amantes do jazz na passagem dos anos 50, e a concepção de Getz passou a ser conhecida coloquialmente como *The Sound*". Ele então, ainda na juventude, se transformou, segundo Nat Hentoff, em "uma das influências mais vitais do jazz neste país e na Europa, e sua tournée pela Suécia foi um triunfo tão grande quanto poucos em qualquer campo já experimentaram".

Logo depois dessa tournée

pela Suécia, Stan Getz reuniu um grupo de músicos desconhecidos para um show no Teatro Apollo, de Nova York, no qual aparecia liderando sua primeira grande banda. Eram os seguintes os tais músicos, desconhecidos na época, mas que atualmente são verdadeiras estrelas dentro de suas respectivas áreas: Lee Konitz, Zoot Sims, Al Cohn e Gerry Mulligan na seção de sax; J. J. Johnson, Kai Winding e Johnny Mandel para os trombones; Al Porcino e Joe Newman para os trompetes. No final do espetáculo, Stan Getz aparecia ao lado de - nada mais, nada menos que - Charlie Parker, Sarah Vaughan e Errol Gardner.

Em 1952, Stan gravaria para felicidade geral dos aficionados do jazz *Moonlight in Vermont*, com Jimmy Smith. Tamanha é a importância deste disco e tal o sucesso obtido na época, que acabou tornando-se um clássico do gênero. Vejam só o comentário de Bill Coss: "as técnicas de gravação mudaram; o som estereofônico foi desenvolvido e uma gama toda nova de expressões musicais surgiu desde que este álbum foi produzido e, apesar de tudo isto, *Moonlight in Vermont* permanece como um dos clássicos mais inesquecíveis do mundo dos discos".

Nos anos que se seguiram à gravação de *Moonlight in Vermont*, Stan participou de diversas excursões com trios, quartetos e quintetos por todo o mundo. Foi durante estas excursões que ficaram conhecidos do público os nomes de astros como Jimmy Rainey, Horace Silver, Bengt Halberg, Bob Brookmeyer e muitos outros. Foi também por este tempo que gravou discos com Dizzy Gillespie, Lionel Hampton, Ella Fitzgerald, Carl Tjader e Gerry Mulligan, para citar apenas alguns. Estes discos constituem-se hoje em peças da maior importân-

cia para a coleção de qualquer admirador do gênero.

Em 1958 fixar-se-ia com sua família em Elsinore, na Dinamarca. Lá, durante três anos seguidos, estudou, excursionou e experimentou. Apesar de afastado, sua influência nos EUA era grande e ele continuou ganhando "polls". Com relação à sua influência sobre o jazz europeu, ainda hoje é muito grande.

Em 1961, já de volta aos EUA, sugeriu a Eddie Sauter que compusesse um tema que servisse de espinha dorsal para uma série de improvisos livres de seu sax. Um pouco mais tarde, surgiria *Focus*, escrito para quarteto de cordas (originalmente para o "Quarteto Beau Arts") com liberdade para o sax introduzir o elemento jazzístico. O crítico John Wilson, do "The New York Times", classificou *Focus* assim: "esta foi a interpretação de saxofone mais brilhante que eu jamais escutei, indo de uma beleza pastel a um balanço luxurioso..."

Em 1962, Stan Getz, que sempre foi um apaixonado pela cultura latino-americana, gravaria, juntamente com Charlie Byrd, em Washington, *Desafinado*. Esta gravação foi decisiva para a introdução da Bossa-Nova na música americana. O crítico Dom Cerulli diria o seguinte: "se a Bossa-Nova pode ser considerada uma revolução na música popular americana, então *Desafinado* certamente terá sido seu grito de batalha".

E Cerulli tinha toda a razão: em apenas três meses, *Desafinado* subiu para o topo de todas as paradas musicais dos EUA. Por seu solo em *Desafinado*, Stan Getz ganhou o "Grammy" de melhor solo do ano, depois de ter recebido nomeação para oito "grammys" (mais do que qualquer outro intérprete da história da música popular americana) concedidos pela Academia Nacional de Artes Gravadas.

COLUNA DE CARLOS SWANN

Novo filão

A comunidade negra norte-americana é agora o mais novo alvo dos agentes brasileiros de turismo, que acreditam ter encontrado um filão em termos de mercado. O primeiro grupo de 40 agentes das 20 principais agências de viagens dos EUA que só comercializam pacotes turísticos para negros, chega ao Rio no próximo dia 12, para uma estada de sete dias aqui.



A ex-pantera e ex-mulher de Lee Majors agora é, oficialmente, a futura sra. Ryan O'Neal. Em Veneza, onde assistiram ao festival de cinema, Farrah Fawcett e seu noivo anunciaram seu próximo casamento — o terceiro para ambos.

Uma nova Quinta

Não apenas Bangu mas toda a região vizinha passa a sonhar a partir de agora com um projeto que a Prefeitura carioca promete realizar a médio prazo: um grande parque numa área de 460 mil metros quadrados, maior, portanto, do que a da Quinta da Boa Vista. O primeiro passo nesse sentido foi dado ontem pelo prefeito Júlio Coutinho, ao assinar o decreto declarando de utilidade pública os terrenos em que se localizará o

Parque da Moça Bonita, com projeto de Burle Marx que prevê a construção de 35 quadras de esportes, 3 Km de cicloviária, pistas para patinação e skate, play-ground e até córregos e cascatas artificiais.

A grandeza do projeto pode ser medida pelo tamanho do estacionamento, que poderá comportar mil automóveis. A nova área de lazer está prometida para dentro de dois anos.

O jornalista Rubens Amaral, advogado de herdeiros de João Neves da Fontoura, esclarece em carta a Swann que os documentos doados por D. Lysia Neves da Fontoura ao Governo do Rio Grande do Sul somam cinco pastas com cartas e papéis diversos. Segundo Rubens Amaral, a maior parte do acervo de João Neves, ora em poder dos seus netos, soma mais de mil volumes da biblioteca, cerca de duzentas pastas de documentos e cartas, além de condecorações e outros objetos.

Às seis e meia

Já está decidida, inclusive com data marcada, a volta dos espetáculos das seis e meia da tarde no Teatro João Caetano. O relançamento do horário será dia 6 de outubro. No dia 20 também de outubro o João Caetano promoverá um grande espetáculo em memória de Vinicius de Moraes, "Se todos fossem iguais a você", com a participação de figuras

A pizza socialista

Com razoável atraso — pior para eles —, os camaradas começam a descobrir a pizza napolitana. Agora é a vez da Tchecoslováquia: Praga tem há dias a sua primeira pizzaria, no bairro de Karlin, que prepara oito tipos diferentes de pizzas com um sucesso fulminante (uma média de quinhentas por dia). Todos os ingredientes são locais, exceto o orégano. O êxito da nova casa mereceu comentário no diário dos sindicatos, "Prace", segundo o qual a pizza não tem nenhum equivalente em sabor e simplicidade na tradição culinária do país.

exponenciais da nossa música popular.

Nunca será demais insistir em que as sessões das 18h30m são as que mais convêm ao grande público, no Centro ou em qualquer outra parte da cidade. Basta dizer que o Teatro Artur Azevedo, em Campo Grande, também lançou o sistema — por enquanto aos sábados e domingos apenas — na série "Fim de tarde", invariavelmente com casas esgotadas.

Parlamentar

Numa das sessões da Assembleia Legislativa fluminense, semana passada, o deputado Luís Fernando Linhares, do PDS, cobrava a posição política de três outros parlamentares:

— Vocês são do governo ou da oposição? Pelo visto, pertencem ao partido ICM.

E explicou rápido:

— Trata-se do partido dos incima do muro.

Ao correr do martelo

As coisas não andam muito boas para certos ramos (dos bons) da nobreza européia. Basta dizer que o príncipe Carlos, tio do rei Balduino e ex-regente do trono belga entre 1945 e 1950, colocou seus bens em leilão procurando recursos para viver no estrangeiro. O príncipe tem 77 anos de idade. O leilão atraiu a Ostende, onde se realizará, uma pequena multidão de interessados vindos de todas as partes da Europa.

Túnel ficará sem sua luz

De acordo com o comunicado oficial, só em fevereiro o túnel Rebouças "saberá se terá verbas para a sua iluminação".

Quer dizer, o carioca corre o risco de circular na mais completa escuridão numa das suas mais importantes vias.

Aliás, os motoristas já estão há muito tempo andando no escuro.

Celeuma real

Celeuma nos meios hípicas europeus. O Duque de Edimburgo, que é presidente da Federação Internacional Equestre, está defendendo vigorosamente o direito de os cavalos receberem analgésicos ou até mesmo serem revigorados por drogas durante uma competição. O príncipe Philip afirma que não se trata de doping e, por isto, não tem cabimento enquadrar os bucéfalos na legislação pertinente aos cavalos de corrida.

Piloto piloto



Um a das mais simpáticas companhias de aviação da Europa, a Austria Airlines,

acaba de perder um dos seus melhores e certamente o mais distinto cliente, diante da preferência do chanceler Bruno Kreisky pela novíssima Lauda Airlines.

Todas as viagens oficiais e particulares do chefe de governo austríaco são conduzidas doravante, pelo ex-campeão mundial da Fórmula-1, Niki Lauda, proprietário, presidente e piloto da empresa, sediada em Salzburgo.

Nixon e seus colegas

O ex-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, já está escrevendo o seu quarto livro, obra que — segundo seus agentes — deverá vender mais do que as anteriores. Agora Nixon escreverá a respeito do relacionamento, das conversas secretas, dos encontros e de suas observações, quando estava com outros líderes mundiais.

Entre eles, Krushev, Adenauer, Churchill, Eisenhower, Breznev e De Gaulle.

Preços absurdos

A Cobal tem a obrigação de controlar os preços dos hortifrutangeiros vendidos em seus mercados do Rio. Do jeito que está é que a coisa não pode ficar. As feiras, com todos os inconvenientes e transtornos que causam à vida dos bairros, principalmente ao trânsito e aos moradores, continuam sendo o lugar mais em conta para se comprar verduras, legumes e queijos. Um exemplo singelo: uma espiga de milho, das grandes, estava custando Cr\$ 15, na Cobal, na manhã do último sábado, enquanto na feira-livre que funcionava a menos de um quilômetro, podia ser comprada por apenas Cr\$ 8. Um pé de alho-porró era empurrado por Cr\$ 30 na Cobal. Na feira podia ser comprada por Cr\$ 15. E por aí a coisa vai.

ZONA FRANCA

● Novamente no Rio, desde o fim de semana, o bailarino Fernando Bujones, de volta de Manila e Verona para terminar aqui as suas férias. Dia 14 ele regressa a Nova York com Márcia e as filhas dela, Ana Cristina e Júlia.

● Anteontem, Paulo Fucs e Fred Sill reuniram convidados no Méridien para uma preview de "A ilha", baseado no romance de Peter Benchley. Além do produtor David Brown, estavam Milena e Octavio Guinle, Cookie e Herbert Richers, Bebeth e Rogério Marinho, Glória e Alfredo Machado, Miriam e Fernando Magalhães, Anne e André Jordan, Ruth e Billy Blanco, Silvinha e Hélio Fraga, Sônia Gadelha e Ricardo Bruno, Jorge Guinle e Betty van Veen, Verinha Bocayuva, entre outros.

● Também anteontem, muito cumprimentado no almoço do Jockey, o ex-governador Paulo Egídio Martins.

● Um coquetel no cinema Ricamar, dia 22, inaugura a semana "Memória de Gildo de Abreu, Vicente Celestino e 50 anos de Cinédia", com exibição do filme "Bonequinha de Seda".

● Carlos Tavares foi o orador de segunda-feira no seminário que a Câmara Britânica de Comércio promove no Clube Americano. Falou sobre exportações. Na platéia, o general Richard Clutterbuck, professor da universidade de Exeter.

● Cabo Frio cuida do seu carnaval. A Escola de Samba Antiga Abissínia, vencedora do desfile este ano, tentará o bicampeonato com o

enredo "O raio de sol na corte do mar azul", desfilando com uma ala de sócios do Clube do Canal, que José Luiz Werneck começa a organizar.

● Sexta-feira, no Jockey, almoço para o senador Luiz Fernando Freire, que tomou posse na vaga do senador Henrique La Rocque.

● Ontem, no IBEU, houve o vernissage da exposição de Ubi Bava, que apresenta suas novas pinturas.

● José Ribeiro de Castro oferece jantar, amanhã, a Bebel Avelar e César Atherino, que se casam na semana que vem.

● Patrícia e Antonio Carlos Teixeira seguem de férias para Nova York, hoje.

● Amanhã é o recital de Lúcia Barroca, às 19 horas, na Sala Cecilia Meireles.

● A sra. Silvia Leite Barbosa convidando para chá, dia 24.

● Dia 19, a consulesa Kek Galabru e Wilma Reeves são as homenageadas do almoço em casa de Adelaide Kitcheman.

● Grupo jantando no restaurante marroquino do Méridien: Beatrizinha e Alberto Bennayon, Betinha e Roberto Cardoso, Marion e o deputado MacDowell Leite de Castro.

● A academia de balé de Leda Luqui está lançando um curso de dança profissionalizante, credenciado pela Secretaria estadual de Educação e Cultura.

● Tão logo se divorcie de Lee Majors, Farrah Fawcett marcará o casamento com Rayn O'Neal, com quem já vive há tempos.

Helena Silveira vê TV

Malu prova, beleza não vai à mesa

Como sempre, depois de uma apresentação de "Malu-Mulher", há a inevitabilidade de uma crônica, tanto o seriado é estimulante, tanto ele está no âmbito daquela arte que fornece passaportes para o devaneio de cada um.

Ouvi dizer que "Malu-Mulher" vai findar neste ano 80 pela impossibilidade de se achar novos roteiristas e pelo receio da repetição se permanecerem os mesmos. Seria uma perda para a televisão. A mim me parece que a personagem "Malu" abre um horizonte vastíssimo, tão vasto quanto a vida neste aqui e agora do mundo tumultuado por agressões, propostas, sonhos de renovação, contestações.

Mesmo inserida na linha naturalista, "Malu" extrapola desta pelo seu julgamento permanente em face do cotidiano. Não se vê a personagem de dedo em riste, doutrinando. Não. É a sua maneira de agir, é o seu enfrentar os acontecimentos que redundam em definições. Milagrosamente, neste País colonizado por cinema e TV estrangeiras, conseguiu-se o que se poderia chamar de um seriado "a pensar". A afirmativa poderá parecer um pouco pedante, mas é uma reação natural em face do desdobrar de programas que não se fixam na linearidade comum a muitos.

Neste "Patinho Feio Vira Cisne" há uma análise poética da solidão dos feios e

dos preconceitos e mandamentos que regem a condição da beleza, o ideal estético imposto por vias que vêm da propaganda, do reino da alta costura e da cosmética. As criaturas aprisionadas dentro de conceitos externos, de códigos, acasulam-se se não correspondem a estes. Numa sociedade de consumo, sobretudo as pessoas são objetos consumíveis ou não. Sabem se tem mercado, se estão marginalizadas por uma cintura grossa, um olhar estrábico.

André Valle, o moço magro e miope, e Cláudia Costa, a moça gorda com cicatriz de plástica no ventre, através de "Malu", reagem à solidão, permitem-se o direito de amar, e serem amados. Não vão nos versos de Vinicius "as feias que me perdoem, mas a beleza é fundamental". Pelo menos vão ao ponto de admitir que conceito de beleza é absurdamente relativo.

Tudo termina em ecologia, hortas, alinhamento de flores, a terra próxima tratada pelas próprias mãos, a comida vinda do solo, o amor com o gosto erótico-poético da terra-mãe, o chão, a relva, podendo ser o leito dos amantes. Marque-se a interpretação muito pessoal com uma forte carga emotiva de André Valle e da sua gorda parceira que soube nuançar com pitadas de doçura seu papel.

11/9/80

SHOW

Zé Ketti e sua história, a mesma da MPB

Ele faz parte das chamadas instituições da Música Popular Brasileira, seu nome definitivamente registrado ao nascimento do teatro e do show *Opinião*, um marco na música e no teatro dos anos sessenta. Mas o seu nome tem também uma estória, que Zé Ketti conta em *Favela dos Meus Amores*, o show que volta a apresentar aqui, amanhã e sábado, no auditório do Sindicato dos Metalúrgicos, motivado pelo sucesso das apresentações que fez no final da semana passada, no mesmo local.

Criança, ainda, ele ficava em casa com a irmã menor enquanto a mãe ia trabalhar. Quando voltava, ela perguntava sempre se ele tinha ficado quietinho, virou *zé quietinho*, *zé quieto* e veio o Zé Ketti, mais artístico. E ele conta tudo isso no show, um velho sonho que, para realizar, teve de abandonar o cargo de funcionário público no INPS, "fui exonerado", porque o que ele gosta mesmo de fazer é cantar e compor sambas. "Eu queria fazer um show com roteiro meu, contando as coisas que sei, lembrando os velhos amigos como Cartola, Nelson Cavaquinho, Ismael Silva, Ataulfo Alves, Geraldo Pereira, também o Vinícius, parceiro de muitos momentos, e o Sincley Miller, que levei para gravar o primeiro disco".

Favela dos Meus Amores inicia com a projeção de cenas de *Rio 40 Graus*, o filme de Nelson Pereira dos Santos, início da carreira de Zé Ketti, "comecei onde muitos artistas terminam, nas imagens do cinema nacional. Foi ator principal e autor da trilha sonora. E *A Voz do Morro* me deu o primeiro dinheiro". E também desse dinheiro o Zé Ketti de hoje fala, tantos sucessos — como *Diz que Ful por Ai*, *Máscara Negra*, *Malvadeza Duro*, *Aceder as Velas* e a própria *Opinião* — e tão

pouco dinheiro recebido por direitos autorais. "Agora a gente só recebe de quatro em quatro meses, se isso dá para alguém viver, pagando luz, água, supermercado só a cada quatro meses".

Por isso ele lê uma carta que recebeu de um jornalista baiano, onde ele fala dos problemas autorais e reclama do próprio Zé Ketti, "na carta ele diz que se eu encontrar a Maria Bethânia ou o Gonzaguinha, prá dar um grande abraço e também um alerta", por isso ele usa o *play-back* para mostrar Bethânia cantando o *Grito de Alerta*. E não é apenas o *play-back* ou a projeção de filmes que fazem parte desse show de Zé Ketti. Ele conta ainda com uma série de *slides*, mais de trezentos, conseguidos com ajuda de amigos na *Manchete*, na *Funarte*, com Clementina de Jesus, e muitos outros. "Fiz esse show com a ajuda de muita gente, porque produção é uma barra. Estreei o mês passado no Teatro Abertura, em São Paulo, para uma temporada curta que teve de ser estendida no Teatro Pixinguinha". A semana passada ele esteve em Santos e volta agora, mas tem planos, "oferecer o show à escolas e faculdades, sempre fiz apresentações para os estudantes, é realmente o meu público. Por isso as escolas que estiverem interessadas podem nos procurar lá no Sindicato dos Metalúrgicos que fazemos uma linguagem".

Foram os estudantes que formaram o principal público de *Opinião*, o show que fez a convite de Oduvaldo Viana Filho — "a música já estava fazendo sucesso" — e acabou batizando o novo teatro que seria o Teatro de Arena do Rio. No show ele aparecia ao lado de Nara Leão e João do Valle, com enorme sucesso. Depois a Nara precisou se afastar, ficou doente, e veio da

Bahia uma moça especialmente para substituí-la, Maria Bethânia, cantando um novo sucesso, *Carcara*.

Porém todo o público entende a linguagem de Zé Ketti, um homem de samba, da malandragem carioca, um portelense de coração, que defende as escolas de samba, o visual que elas trazem agora — "sou totalmente a favor. Já pensou ficar, hoje, naquele esquema da praça onze, com cordão de isolamento e acendendo fogo para esticar o couro do tamborim? Visual é bonito, sou a favor dele. O que eu condeno — e digo sempre nas entrevistas — é a retirada da nota para o quesito mestresala e porta-bandeira, fruto de manobras que não têm nada a ver com samba".

Favela dos Meus Amores já tem contrato com o Projeto Musisec para apresentações a partir de outubro, "depois vou levar o show para todo o país, já tenho gente na *Funarte* ajudando no contato com os teatros". E agora ele pode voltar a pensar no disco, o último em 78, foi pela Continental — identificação e ele já tem convites de diferentes gravadoras.

Guilherme cuida da parte visual e *play back* do show e, no palco, com Zé Ketti, estão João Grande (da Escola de Samba Última Hora), Raimundinho, do cavaco; Quinzinho do violão de sete cordas; Mário, no violão de seis cordas; mais Mazinho e Jesus da Cuica. Os ingressos custam 200 cruzeiros, sindicalizados ligados ao Movimento de Cultura Popular, que promove a temporada; 60 cruzeiros para estudantes, com as filipetas distribuídas nas escolas, e 200 cruzeiros a inteira. O endereço é avenida Ana Costa, 55.

* Como vocês sabem, em "Coração Alado", o personagem de Mário Cardoso, "Beto Karany", sofre de diabete. Pois bem... A Associação Médica Brasileira — AMB — enviou uma carta à Rede Globo de Televisão solicitando à emissora que Janete Clair dê uma maneira na doença de "Beto", que na novela está sendo tratada de um modo muito dramático. Ainda não sei se a Globo atenderá ao pedido da Associação Médica.

CIDINHA NA JOGADA



* Na Rede Globo isso jamais aconteceria. Rubens Ewald Filho, autor de "Um Homem Muito Especial", na Bandeirantes, foi convidado e aceitou fazer um estágio de cinema e TV e participar de um júri internacional que escolherá o melhor filme produzido este ano em Nova Iorque. Enquanto ele estiver lá a novela será escrita por Jaime Camargo e Antonio de Pádua. Vocês já imaginaram acontecer isso com Janete Clair?

Perfeição técnica em "Plumas e Paetês"



Débora Duarte



Tarcísio Meira

SOLTAS

● Na terça-feira gravaram cenas externas para "Coração Alado" no aeroporto Santos Dumont. É a volta de "Juca Pitanga" (Tarcísio Meira) e "Catucha" (Débora Duarte) da lua-de-mel, o que deve ter acontecido pelo Brasil mesmo, pois as gravações não foram no Galeão. Pelos meus cálculos eles devem ter passado a lua-de-mel em São Paulo, pois "Juca", como nordestino deveria estar louco de vontade para conhecer a rodoviária, o rio Pinheiros, o Tamanduateí, o Tietê e a "Catucha" foi fazer um "tour by day" com ele por lá.

● Helô Pinheiro, a primeira "Garota de Ipanema", que inspirou Vinícius e Tom Jobim na composição da música, entrará em "Coração Alado". Ela fará a namorada de "Alberto Karany" (Walmor Chagas).

* Uma notícia que parece velha, mas não é. Chico Anísio está com nova namorada. É Maria do Roccio, que fez há pouco tempo "Cara a Cara", a primeira novela da Bandeirantes. Ela substituiu há algum tempo atrás Alcione Mazzeo na peça "A Filha da..." e tem feito participações especiais em "Planeta dos Homens".

● Ester Góes volta às novelas da Bandeirantes. Depois de ter feito "Pé-de-Vento", onde interpretou "Marita", Ester entra em "Um Homem Muito Especial", onde fará "Nenê", brasileira que, depois de muito tempo morando na Europa, volta a Santa Marta, e com os modismos europeus entra em choque com os hábitos da cidade.

● Um programa bom para se assistir no domingo. Foi gravado ontem, aqui no Rio, o "Canal Livre" que vai ao ar depois da Hebe, na Bandeirantes. O entrevistado será Fernando Gabeira e eu não perderei este programa nem morta. Os entrevistadores são Roberto D'Ávila, Tarso de Castro, Norma Coury, João Paulo Ribeiro, Moema Toscano, Philomena Gebram, Clóvis Bornay. Gabeira na entrevista fala sobre tudo o que pintar: Brasil de 68 e Brasil de hoje, bissexualismo, aborto, feminismo, política, ecologia, política do corpo e tudo o mais.

● Está um buxixo danado com este negócio de novos canais de televisão. Aliás, não é só com as televisões, não. Estão dizendo por aí que a nossa Super Rádio Tupi será vendida para o Sílvio Santos. Enquanto não vendem, como ele ainda não é meu patrão, eu continuo a meter o pau nele. Depois pode ser que até fique sócia do Baú, mas por enquanto eu faço questão de dizer que não concordo com a política que ele desenvolve em relação a seu Canal de televisão. Não tenho nada contra o Sílvio Santos apresentador, que eu acho ótimo. Sílvio Santos é um homem que faz muito sucesso pessoal. Tudo o que ele faz dá certo para ele, mas televisão tem que dar certo também para os outros. O que eu reclamo é emprego para as pessoas, pois de nada adianta ele ficar faturando em cima de John Wayne e do Picapau, se nossos artistas e técnicos estão desempregados.

● Mas não era sobre isso que eu queria escrever. O "buxixo" da televisão é que corre um boato por aí segundo o qual Walter Clark não está mais trabalhando em seu andar exclusivo no "Jornal do Brasil". Segundo se informa o que está acontecendo é que o Presidente Figueiredo não quer dar a concessão para nenhum Canal de Televisão que tenha o Walter Clark à frente. Pelo que se comenta, também, o Grupo Maksoud teria inclusive oferecido uma nota preta para que Walter saísse do "JB" e fosse para seu Canal. Só que tem uma coisa: eu acho que estão colocando o carro na frente dos bois, por um motivo muito simples. O Grupo Maksoud já comprou vinte milhões em filmes, principalmente desenhos do Hanna Barbera, mas como ele ainda não conseguiu, pelo menos oficialmente a concessão, o negócio pode entornar.

● Enquanto isso, alguém ouviu em algum lugar, uma opinião do Ministro Delfin Neto: "Só um grupo eu tenho certeza que conseguirá a concessão do Canal, a Editora Abril". Vamos aguardar para ver o que acontece.

● Na terça-feira, assistindo "Plumas e Paetês", vi uma cena digna do maior elogio. Difícil de fazer, principalmente porque o Brasil não tem experiência neste tipo de trabalho, e que, realmente, não ficou devendo nada a qualquer cinema ou televisão do mundo. Foi a cena do desastre na Via Dutra. Muito bem feita em todos os aspectos: edição, interpretação, direção, sonorização, tudo, enfim. Eu havia visto apenas uma vez uma cena de desastre numa novela, "Cara a Cara", na Bandeirantes, quando morreu o personagem de Márcia de Windsor, "Belinha", que foi bem realizada, embora eles tenham usado o recurso do cinema, destruindo um carro velho, parecido com o que a "Belinha" estava dirigindo. Mas a cena de "Plumas e Paetês" foi simplesmente sensacional e o único excesso, para mim, foi no que se refere ao sangue que, outra observação, coagulou

muito depressa, mas isto é detalhe que não tirou a perfeição da cena. Se analisarmos bem, chegaremos à conclusão que aquilo não foi desastre e sim suicídio e eu acho, inclusive, que o Departamento de Estradas e Rodagens — DER — deveria usar aquela cena para fazer campanha contra a imprudência dos motoristas nas estradas. Como eu picho todo mundo quando as pessoas erram (e eu percebo o erro), eu faço questão de citar o nome dos responsáveis por aquele trabalho tão bonito e bem feito. A sonoplastia foi de Paulo Ribeiro, um sonoplasta maravilhoso que tem dado a medida certa da novela; os efeitos sonoros foram de Isaias Silva e nesta cena do desastre eu tenho a impressão que ele foi o maior responsável pela qualidade; a câmara portátil, do Edson Carvalho, e foi ele quem gravou o desastre; a direção ainda estava a cargo de Gonzaga Blotta que

ainda não havia adoecido (agora ele a está dividindo com Jardel Mello e Mário Márcio Bandarra, que estão fazendo um trabalho maravilhoso); A edição, que é a coisa mais perfeita da novela, é de Luis Paulo Cunha. "Plumas e Paetês" entrou, realmente, com tudo: é alegre, divertida e muito bem realizada. Estão pintando uns "grilinhos" de interpretação. Maria Cláudia ("Amanda"), por exemplo, está fazendo um esforço para ficar mais leve. Ela é jovem, pois, na minha opinião uma mulher de trinta e três anos é muito jovem, mas ela quer demonstrar ser mais jovem ainda, ter mais leveza, e isto compromete um pouco sua interpretação na novela, pelo menos no que eu vi até agora. Mila Moreira ("Dorinha") está um "cabide". É um verdadeiro "Festival do Osso". Se ela passar no São João Batista, o que vai ter de gente correndo, não está escrito.



Sílvio Santos



Fernanda Gabeira



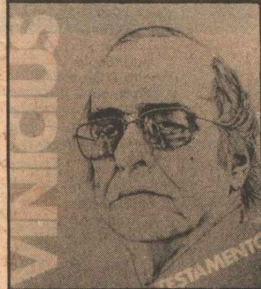
Helô Pinheiro

11 / 9 / 80

Nota Maior

ATLANTIC"
CARLY SIMON
COME UPSTAIRS

O show business tem a tendência de reduzir os seus ídolos a imagens simplificadas e superficiais onde o que é adorado pelo público nem sempre tem a ver com a realidade. Um rosto bonito, uma voz original e uma presença forte se tornam as principais identificações públicas do ídolo, deixando em segundo plano facetas humanas que também tem igual importância para um retrato fiel do artista. Carly Simon é uma pessoa que sempre lutou contra a intenção da indústria de torná-la apenas um mero símbolo, uma fórmula fácil de consumo. Em diversos estágios de sua carreira, sempre esteve evidente que ela nunca se curvou a exigências que fossem contra seus ideais. Por outro lado, na sua música sempre expressou honestamente fatos mordazes e reveladores de sua pessoa. Nas canções de Carly há um despojamento e intimismo que nos permite chegar próximos dela, além de sua imagem pública. Come Upstairs é o nono álbum de Carly Simon, e a sua estréia na Warner Brothers — o que significa que ela está passando do E (Elektra) para o W de WEA. Neste novo trabalho continua marcado o estilo de Carly ao mesmo tempo solto, alegre e revelador. Isto, aliado a uma voz agradável e um visual exuberante, a destacou no cenário americano. De lá para o mundo da "mass-media" é só um passo e Carly deu mais de um, diversos "hit-singles", pulando oceanos e montanhas.



☆☆☆
"RGE"
VINICIUS DE MORAES
TESTAMENTO

Indubitavelmente, "Vinicius de Moraes" teve uma feliz passagem pela RGE. Durante os anos que aqui esteve, alcançou maior popularidade ao lado de grandes expressões da Música Popular Brasileira, tais como Maria Creuza, Marília Medalha, Toquinho e outros. Todos os seus álbuns continuam em catálogo, numa prova evidente de quanto ele nos é querido. A gravadora houve por bem reunir alguns desses melhores momentos, compilando um rateiro de uma parcela de sua gloriosa carreira musical. Um dos maiores poetas que a música brasileira já teve, parceiro de grandes músicos e compositores do País, cantado e celebrado em todo o mundo, "Vinicius de Moraes" deixou atrás de si um material vastíssimo, todo ele de grande força poética: seu "Testamento" para todos nós. Dentre todas as suas composições, a RGE traz nesse "Testamento", aquelas que na opinião unânime da crítica, mais calaram fundo nos corações dos amantes da boa música popular brasileira. Zuza Homem de Mello escreveu a contra-capa deste LP e nela sintetiza o grande orgulho de todos nós por termos tido a sorte de vivermos ao som da obra de Vinicius.

Não há destaques a fazer neste disco. Ele deve ser entendido como um todo. Este disco é uma verdadeira obra a partir de sua capa, muito bem elaborada por Lincoln, um dos melhores ilustradores do Brasil.



COLONISTA

ciaruros.

ADONIRAN BARBOSA REVELA A SUA ARTE NA POESIA DO LUGAR-COMUM

J. R. Tinhorão

EM comemoração aos 40 anos de vida artística do ator, radioator, humorista, cantor e compositor Adoniran Barbosa (João Rubinato, Valinhos, SP, 6/8/1910), a EMI-Odeon acaba de lançar no mercado um LP que, graças ao carinho e ao cuidado da produção executiva de Fernando Faro, e ao delicado requinte suburbano da capa de Elifas Andreato (a capa prateada tem a forma de um cartão de apresentação, com a ponta superior dobrada, segundo desusada etiqueta), pode ser considerado perfeito, como disco de homenagem a um artista do povo de veia satírica.

Embora se confesse mais radioator do que compositor (Adoniran ficou popular durante a década de 50 no rádio paulista com sua figura do subempregado típico da grande cidade, o Charutinho), o autor do famoso *Trem das Onze* e do requintado *Bom Dia Tristeza* (sobre letra de Vinicius de Moraes), divide na realidade com o falecido Lupicínio Rodrigues as glórias de segundo maior poeta antipoeta do Brasil.

A maioria dos apreciadores das músicas de Adoniran Barbosa costuma apontá-lo apenas como o mais autêntico "repórter musical urbano de São Paulo". Quem atentar, porém, para os versos bem-humorados desse repórter da vida das baixas camadas que se formaram em São Paulo nos últimos 50 anos, com mistura de negros de origem rural, imigrantes italianos e retirados nordestinos, comprovará que a arte de Adoniran vai além: ele é o grande poeta do trivial, através da sua incrível capacidade de tirar emoção da banalidade e do lugar-comum.

Neste seu popularescamente requintado LP *Adoniran Barbosa* — em que contou com a simpática adesão de convidados como Elis Regina, Clara Nunes, Roberto Ribeiro, Djevan e MPB-4 — o atualíssimo velho compositor comprova isso em faixas como a do incrível *Tiro ao Álvaro* (trocadilho feito apenas "pra fazer graça"), em que canta:

De tanto levar flechada do teu olhar
meu peito até parece

sabe o quê?
Táboa de tiro ao alvo:
não tem mais onde furar.

Quem não se lembra imediatamente dos poemas-piadas da primeira geração de poetas da Semana de Arte Moderna, feitos para irritar o bom-gostismo acadêmico do parnasianismo gasto, mas dominante?

Adoniran Barbosa não pára aí. Faz em parceria com Alocin um samba comemorando a beleza do recém-construído Viaduto Santa Efigênia e em *Agüenta a Mão, João*, com Hervê Cordovil (autor da excelente melodia), retoma o tom de fatalismo com que já mostrara a fortaleza da estoicidade popular em *Despejo na Favela* e *Saudosa Maloca* e recomenda ao personagem João, do samba *Agüenta a Mão, João* (que se lamenta pelos estragos da chuva em seu barracão): "Não reclama/pois a chuva só levou a sua cama."

Aos 70 anos, Adoniram Barbosa continua a compor e, entre uma nova música e outra, vai empregando seu vagar de aposentado no hobby poético de construir brinquedos de madeira nos fundos de sua casa, situada para os lados do aeroporto de São Paulo. A voz do velho compositor, normalmente rouca, começa a falhar na interpretação de seus sucessos, mas isso não prejudica nada. Como seu próprio disco de homenagem mostra, haverá sempre muitas outras vozes jovens dispostas a dar por ele a notícia da poesia que só o poeta sabe tirar da vida sem cor dos pobres e marginais:

Quando o oficial da Justiça chegou lá
na favela,
e contra seu desejo entregou prá seu
Narciso
um aviso com uma ordem de despejo
assinada "seu doutor",
assim dizia a petição:
Dentro de 10 dias
quero a favela vazia
e os barracos todos no chão.
É uma ordem superior...

Adoniran aos
70, segundo
Elifas
Andreato



NO PALCO, A ARTE REFINADA DE STAN GETZ

Fotos de Ana Vitéria



José Domingos Raffaelli

STAN Getz, que se apresenta hoje e amanhã no Caesar Park Hotel, registrou já na estréia — quinta-feira — desta sua quarta temporada no Brasil um grande sucesso artístico. O saxofonista e seu quinteto proporcionaram mais de uma hora e meia de excelente jazz, surpreendendo as expectativas mais otimistas, em face dos seus músicos serem completamente desconhecidos. Getz está em grande forma, tocando um repertório no qual predominam as composições originais mas que também inclui músicas brasileiras para cujo sucesso mundial ele tanto contribuiu.

Seu conjunto é formado por músicos novos altamente promissores, parecendo-nos o melhor de todos os que Getz trouxe ao Brasil. Mitch Foreman (pianos acústico e elétrico), Chuck Loeb (guitarra), Todd Coolman (baixos acústico e elétrico) e Mike Hyman (bateria) têm um belo futuro, demonstrando que a renovação de músicos é uma constante no jazz. O pianista e o guitarrista contribuem até com várias composições para o repertório do quinteto. Apresentando 14 músicas, quase todas em longas execuções, Getz e seus músicos mostraram o refinamento musical, a unidade e a segurança que sempre caracterizaram os conjuntos do saxofonista, e o público aplaudiu entusiasmadamente todos os números. O primeiro, *Bittersweet*, de Loeb, mostrou logo de início que Getz está cada vez melhor; inspirado e fluente, suas frases aumentam de intensidade na medida em que o solo se desenvolve. Loeb mostra uma maturidade incomum para um músico de apenas 24 anos, concentrando-se em linhas melódicas de excelente feitura. *Chapaqua*, uma linda melodia com harmonias peculiares, de Andy Laverne, ex-pianista de Getz, oferece uma soberba intervenção do líder e de Loeb, com a seção rítmica atuando com grande disposição e entusiasmo. O terceiro número foi de pura magia musical, com Getz executando com rara delicadeza a balada *My Foolish Heart*, embora a sua improvisação fosse em andamento médio. *Lester Left Town*, de Wayne Shorter, que estava pre-



Na estréia, Stan Getz (de branco) fez memorável dueto com Wayne Shorter

sente, ofereceu, possivelmente, o melhor solo de Getz, que a ele se atirou com flama e vigor, numa interpretação que superou a gravação do álbum comemorativo do seu 50º aniversário. Loeb, com frases ousadas, e Foreman, igualmente explosivo, mantêm o mesmo diapásão. *Cali-ou*, do guitarrista, que Getz expõe no soprano, é uma composição com um clima exótico e ritmos estranhos, de harmonias que fogem ao padrão habitual. Stan insere figuras rítmicas fortemente acentuadas no seu solo, de grande força expressiva. Loeb e Foreman dão continuidade ao número sem que a qualidade diminua em um único compasso. Ao anunciar *Garota de Ipanema*, no encerramento da primeira parte, Getz afirma sentir saudades de Vinícius de Moraes; ele embeleza e modifica habilmente a linha melódica, interpretando-a como se fosse uma composição sua, extravasando todo o seu lirismo sob intensos aplausos da platéia.

Hospitality Creek, de Foreman, dividida em vários segmentos com suspensões rítmicas e variações de andamentos, é outro veículo para o saxofonista tocar um dos seus solos mais criativos. *Be There Then*, outra composição do guitarrista, com um início da caráter quase pastoral, é uma peça de sensibilidade que Getz expõe com delicadeza no soprano, volta no tenor com o lirismo costumeiro e encerra outra vez no soprano, num dos momentos mais

introspectivos da noite. *Pretty City* ensaja a Getz, Loeb e Foreman solos de técnica apurada com exuberante desenvolvimento de frases.

A seguir, Wayne Shorter é convidado para subir ao palco e tocar *Lady Day*, seu tributo à imortal Billie Holiday; a balada, de caráter profundamente melancólico, é exposta por Getz no soprano e Shorter harmoniza no tenor. Wayne improvisa no soprano, depois Getz entrega-lhe o tenor para que mantenha o mesmo clima emocional, e o final é de uma beleza devastadora. Um pequeno *medley* começa pela versão de *Desafinado*, que a publicidade do hotel instiga o público a ouvir Getz tocar ao vivo, e termina com *Chega de Saudade*, em execução altamente pessoal. Um blues motiva uma longa interpretação, talvez a mais vibrante da noite, na qual Shorter, no soprano, constrói frases realmente originais em seis *choruses*, seguido por Getz, mais formal porém igualmente inventivo. Loeb no melhor estilo de Tal Farlow, e o pianista Foreman, cujo terceiro *chorus* só pode ser classificado como soberbo, encerrando-se o número com a linha melódica de *Billie's Bounce*, de Charlie Parker. *Lush Life*, a última música, uma balada memorável de Billy Strayhorn, ofereceu uma atuação de Getz de beleza fora do comum, tocando com intensa emoção e respeito a linha melódica. Stan Getz continua refinando a sua arte.

173

FOLHA DE S. PAULO

13 / 9 / 80

No Vaivém

* Patsy e Chico Scarpa regressando hoje da Europa para o nat do filho Chiquinho.

* O ex-governador Roberto Abreu Sodré viaja domingo para a Europa, mais precisamente Paris.

* Dia 18, um coq vai agitar Rio Claro. Mais de 1.200 convidados — do top people da cidade — estarão na festa que o Rino Ferrari oferece para apresentar o seu "Haras Floresta Bela Vista", o empreendimento "first quality" bolado pelo conhecido empresário da propaganda que agora também se sai vitorioso no mercado imobiliário. No compasso de bom scotch, Rino vai revelar à sociedade de Rio Claro todas as dicas e detalhes do "Haras", com as suas chácaras de 2.500 m2 que muito em breve estarão ocupadas por sofisticadíssimas residências e casas de campo no mais autêntico "nature look" — cercadas de bosques, cascata, rio, riachos e represas. Esta coluna vai contar mais sobre a festa.

* O "monstro" Stan Getz, o maior saxofonista dos tempos atuais, apresentando-se até domingo no segundo andar no Caesar Park Hotel de Ipanema, Rio, onde também está hospedado. Em seu repertório, musicas de Tom, Vinicius, dele próprio e de outros cartazes como Mercer Ellington e Wayne Shorter. Para facilitar a ida de admiradores de outros Estados, a direção do hotel organizou um "pacote" especial para esses dias, incluindo o show, hospedagem, etc.

* Américo Simões cap do "Rio Palace" em São Paulo afivelando malas para participar na Guanabara do Congresso Nacional da ABAV (Associação Brasileira de Agentes de Viagem).

* Lucia Marlene Pedroso seguindo para Nova Iorque.

* Dolores Gonzales após sua última viagem a Roma inspirada nas promoções européias pretende fazer desfiles relampagos na sua boutique.

* Circulando neste fim de semana em Campos do Jordão, no "Toriba", os André Moron Filho, os Marcos Guimarães Moraes e os Francisco Rodrigues Alves Filho.

* José Massa Neto e Luiz Antonio Massa, diretores do Grupo Caio, estão seguindo para os Estados Unidos em companhia de suas esposas, Ceilna e Ana Helena, mais os amigos Vera Lúcia e Clcero Brescancini, para uma temporada de trinta dias de muito descanso. Na volta, reasumem imediatamente suas atividades na empresa, onde são representantes da 3.ª geração que dirige a Caio.

* João Doria Jr. desembarcando hoje em Congonhas, depois de alguns meses nos Estados Unidos.

COLONISTA

Tavares de Miranda

15 | 09 | 80

174



Vinicius, Erasmo e Roberto: presentes de fim de ano

Além do especial de Cauby Peixoto, já em fase final de gravação, Augusto César Vannucci e sua equipe estão com mais três especiais sendo produzidos, com apresentações previstas para este ano.

● Para outubro, está sendo preparado "Vinicius de Moraes para crianças" (título provisório), inspirado no último disco do poeta, para o público infantil. Participam do disco e serão convidados para tomar parte do programa: Ellis Regina, Milton Nascimento, Chico Buarque, MPB-4, Fábio Jr., Ney Matogrosso, Frenéticas, Moraes Moreira. A redação do programa será de Ronaldo Bóscoll, com produção de Marny Elvis

● O mês de novembro foi reservado para "Erasmo Carlos convida", com o compositor recebendo Maria Bethânia, A cor do Som, Gal Costa, Rita Lee, Jorbe Ben, Nara Leão, e seus companheiros do tempo de jovem guarda, Wanderléa e Roberto Carlos. Com produção de Nalygia Santos, o especial de Erasmo será redigido pelo excelente Paulo Coelho.

● Como de costume, dezembro será o mês de Roberto Carlos. O cantor fará um show no Palácio de Convenções do Anhembi, em São Paulo, com renda toda revertida para a campanha do Ano do Deficiente Físico, que terá início no final deste ano. O Bóscoll escreve o programa, que contará com a produção de Nalygia Santos. No vídeo, os números musicais do Rei serão intercalados com depoimentos de pessoas das mais diversas áreas da vida brasileira — sociólogos, padres, professores etc. — que falarão sobre o fenômeno Roberto Carlos. O provável título do especial com o cantor será "Roberto Carlos verdade". Além dos depoimentos, as personalidades farão perguntas ao cantor, como se fosse um jogo da verdade.

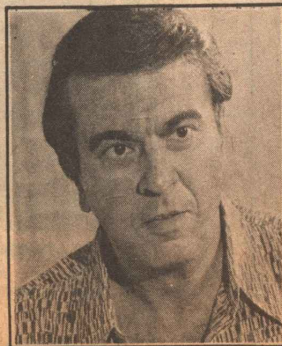
Berta Loran sonhando com a Broadway

Transbordando de felicidade. É assim que Berta Loran está se sentindo e motivos não lhe faltam. Além do sucesso que seu show "Divirta-se com Berta Loran" vem fazendo no Teatro da Praia, a atriz fará na próxima semana o show de abertura do 8.º Congresso de Agências de Viagem, que reunirá 1.500 pessoas no Hotel Nacional. Fora isso, Berta já tem propostas para levar o seu



espetáculo para São Paulo. Mas o que está deixando a atriz simplesmente eufórica é o convite que recebeu para apresentar-se em janeiro de 81 nos Estados Unidos, na cidade do Nova Jersey. Se tudo der certo e ela se apresentar realmente por aquelas bandas, será o início de uma carreira internacional que poderá levar La Loran até a Broadway.

Armando Bógus (foto) continua às voltas com as estrepolias de sua pastora alemã Negra. O animal, que tem apenas quatro meses, já destruiu um sofá e está acabando com as plantas da casa. Quando ela completar um ano e estiver mais bem comportada, o ator fará uma reforma na casa que até lá já estará completamente destruída.



Cissa, enfim, é notícia

Quem se chama Cecília, geralmente recebe apelido de Cissa. O que não é o caso da Cissa (com dois esses) Guimarães, que faz a Carla de "Coração alado". Ela se chama Beatriz, seu apelido na infância era Bitissa, e acabou virando Cissa. A atriz, que está estreando em TV nesta novela, começou profissionalmente em teatro e já participou de cinco filmes. Tem 23 anos, é casada com o ator Paulo César Pereiro e está adorando ser a Carla — uma jovem sadia, sem neuroses, que segura as barras da amiga Alexandra (Miriam Rios). Apesar de seu currículo profissional, só agora ela passará a ser conhecida do público.

16 / 9 / 80

PRODUTO GARANTIDO

"Um estimulante natural pode ajudá-la a perder peso" — proclama um anúncio de página inteira na revista "Penthouse". O produto é feito de uma erva que, segundo o anunciante, o laboratório Cosvetic, de Atlanta, produz sensação de euforia, eliminando ao mesmo tempo a fome e a fadiga. O anúncio diz mais que a erva foi um segredo bem guardado por uma tribo sul-americana, mas que agora pode ser comprada em tabletes, sob a proteção da Agência Federal de Drogas, a FDA, que considerou o produto seguro, sem contra-indicações e totalmente natural. A propósito: o nome da erva é guaraná.



Desfalque

A Beija-Flor de Nilópolis perdeu mesmo um de seus campeões, seguramente o melhor diretor de harmonia das escolas de samba cariocas: Laíla transferiu-se de armas e bagagens para a Unidos da Tijuca, que pretende sair em 81 com força total.



Sucesso certo

Um dos sonhos de Vinícius de Moraes era gravar algum dia um disco de músicas infantis de sua autoria. Chegou a escrevê-las, de parceria com Toquinho, Paulo Solidade e Bacalov. Pois agora, postumamente, a Ariola prepara o lançamento desse disco. São treze faixas reunindo alguns dos grandes nomes da música popular brasileira. Eis o LP: "Arca de Noé" (que dará nome ao álbum), cantado por Chico Buarque e Milton Nascimento; "O pato", MPB-4; "A corujinha", Elis Regina; "A foca", Alceu Valença; "As abelhas", Moraes Moreira; "A pulga", Bebel; "Aula de Piano", Frenéticas; "A porta", Fábio Jr.; "A casa", Boca Livre; "São Francisco", Ney Matogrosso; "O gato", Marina; "O relógio", Walter Franco; "Menininha", Toquinho.

Será lançado dia 12 de outubro. E poderá ser ouvido em primeira mão na "Sexta-Super" da Rede Globo, no dia 10.